

Artista: Pollyana Mattana

Dossiê: Pesquisas e experiências em educomunicação



e-ISSN: 2357-8963

Ano XII - Vol. 13 - Nº 1 - Ago/dez 2023

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS – CAMPUS III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS
SEMIÁRIDOS
(PPGESA)**

REITORA

Adriana dos Santos Marmorini Lima

DIRETORA DO DCH III/CAMPUS III

Edonilce da Rocha Barros

COORDENADOR DO PPGESA

Josenilton Nunes Vieira

EDITOR-GERENTE

João José de Santana Borges

EDITORA ASSISTENTE

Rafaela da Silva Lima

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

César Bolano/ Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Cicilia Peruzzo/ Universidade Metodista de São Paulo

Giovandro Marcus Ferreira/ Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Ismar de Oliveira/ Universidade de São Paulo (USP)

Maria Immacolata Lopes/ Universidade de São Paulo (USP)

Thomas Tufte/ Roskilde University Center da Dinamarca

Israel Rocha/Universidade Federal da Bahia (UFBA)

PROJETO GRÁFICO DA CAPA

Pollyana R. Mattana Vieira Jaqueline Aquino Rodrigues

APOIO

Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PPG-UNEB)

Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura nos Territórios Semiáridos (PPGESA)

SUMÁRIO

EDITORIAL..... 5
Ana Luisa Zaniboni Gomes, Edilane Carvalho Teles, Eliana Nagamini

ARTIGOS

CRIAÇÃO DO BLOG NEDUCOM: PERCURSOS COLETIVOS SOB A PERSPECTIVA DO ENSINO, DA PESQUISA E DA EXTENSÃO..... 9
Iva Lima; Elis Rejane Santana da Silva

TV ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DE UM CANAL EM UMA EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA..... 29
Adriana Maria Santos de Almeida Campana, Armando Pereira Lopes e Joedson Sidnei da Silva

A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA A PARTIR DA EDUCOMUNICAÇÃO NO COLÉGIO ESTADUAL MISAEL AGUILAR SILVA..... 45
Michelle Cristine Laudilio de Souza

EDUCOMUNICAÇÃO E UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE: CONSTRUINDO CONHECIMENTO NA TROCA DE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS...60
Francisco Silva

ENTREVISTAS

O GAME COMENIUS E A FORMAÇÃO DOCENTE: ENTREVISTA COM DULCE MÁRCIA CRUZ.....73
Alessandro Mateus Vieira Leopoldo de Barros; Ana Luisa Zaniboni Gomes, Edilane Carvalho Teles, Eliana Nagamini

OS DESAFIOS DE CRESCER DIANTE DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: ENTREVISTA COM ALESSANDRO MARIMPIETRI84
Amanda da Silva Almeida; Ana Luisa Zaniboni Gomes, Edilane Carvalho Teles, Emily Shaianne Miranda Santana; Eliana Nagamini



e-ISSN: 2357-8963

Ano XII - Vol. 13 - N° 1 - Ago/dez 2023

RESENHA

A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: O ESTADO ABERTO À PRIVATIZAÇÃO DO ENSINO.....90

Gerbson da Silva Santos

EDITORIAL

Pesquisas e experiências em educomunicação

O alargamento das margens do campo da Comunicação, sua aproximação e imbricamento com outros campos de conhecimentos, em especial, o da Educação, estão redefinindo as grandes questões instaladas tanto interna quanto externamente em ambas as áreas, potencializando e atualizando teorias e práxis, influenciando no estado da arte de suas produções.

A chegada da Educomunicação como uma área em emergência de estudos e práticas é exemplo disso: de saberes e conhecimentos que provocam, tecem e sustentam, nas condições atuais de nossas instituições de ensino, pesquisa e extensão, a necessária interdisciplinaridade.

Autores como Soares, Káplun, Freire, Orozco-Gómez, Martín-Barbero, Citelli, Baccega, entre outros, indicam percursos teóricos necessários para trilhar caminhos educacionais. A educação libertadora, como propõe o campo, leva à emancipação, à autonomia, ao protagonismo juvenil e favorece o diálogo, a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, pois agrega saberes e dá voz aos sujeitos: comunicadores, educadores, educandos, na horizontalidade que projete a participação de todos na construção de um ecossistema comunicativo no espaço escolar.

Os aparatos tecnológicos, nessa perspectiva, se apresentam não como meros instrumentos no processo educativo, mas como mediação na construção do conhecimento na medida em que a apropriação das linguagens dos meios de comunicação resulta na expressão dos modos de ver e estar no mundo.

É isso que podemos observar na leitura dos artigos selecionados para este Dossiê “*Pesquisas e experiências em educomunicação*”. Ou seja, uma leitura de mundo, como nos ensina Freire, ancorada na experiência cotidiana de autores diante dos desafiantes e diversos momentos de ensino-aprendizagem.

Que as iniciativas aqui registradas sirvam de farol a iluminar novos portos, novos destinos.

A proposta deste Dossiê é oferecer reflexões sobre os desafios de atuar na área da Educomunicação a partir da perspectiva multidisciplinar do conhecimento científico. E também do entendimento de que a capacidade de ver, ouvir e entender o mundo contemporâneo passa, necessariamente, pelos discursos e práticas educacionais presentes nos vários cenários comunicacionais da atualidade.

Queremos agradecer a todos os que se envolveram na realização de mais este volume, principalmente aos que responderam ao nosso chamado com textos para esta edição. Apresentamos, com muita satisfação, o conteúdo com o qual os leitores serão brindados.

O primeiro artigo *“Percurso de construção do blog Neducom: transcorrendo pelo ensino, pesquisa e extensão”*, de autoria de Iva Autina Cavalcante Lima e Elis Rejane Santana da Silva, trata de uma experiência educacional que reuniu docentes e estudantes dos cursos de Pedagogia e Jornalismo em Mídias da UNEB, Campus III, e participação da comunidade local por meio de estudantes do ensino fundamental I, da escola municipal Professora Crenildes Luís Brandão, Juazeiro (BA). Fruto de demanda do Núcleo de Aprofundamento em Educom, que faz parte da nova matriz curricular do curso de Pedagogia do DCH – III, a criação de um blog para o núcleo de Educom procurou responder à necessidade de organizar um repositório de teorias e práticas que, ao mesmo tempo, proporcionasse visibilidade pública. As autoras destacam a riqueza de possibilidades geradas a partir das competências dos grupos e que foram desenvolvidas durante o processo de criação e construção do projeto, com a perspectiva das ações educacionais.

Em *“TV Escola: a construção de um canal em uma experiência educacional”*, os autores Adriana Maria Santos de Almeida Campana, Armando Pereira Lopes e Joedson Sidnei da Silva relatam a experiência desenvolvida pela TV Escola Juazeiro (BA), um canal educativo voltado para a comunidade da Rede Municipal de Ensino, e discutem os processos e percursos construídos para sua gestão. Para atender aos anseios da comunidade acadêmica de Juazeiro em defesa de uma educação para todos por causa da pandemia, o artigo refere-se a uma perspectiva crítica e social como base da programação para as discussões com grupos locais, externos aos muros escolares. Os autores registram também que, após o período crítico, o objetivo da TV passou a ser o fortalecimento do acesso à Educação por meio de conteúdo audiovisual educativo

produzidos por uma equipe da própria Prefeitura, o que colaborou na redução do déficit na educação causado pela pandemia e aumentou o sentimento de pertencimento de toda a comunidade.

A Educomunicação é aliada em promover educação democrática e de qualidade para os estudantes do Colégio Estadual Misael Aguilar Silva (CEMAS). A partir de uma pesquisa descritiva, qualitativa e participante, Michelle Cristine Laudilio de Souza, autora de “*A popularização da ciência a partir da Educomunicação no Colégio Estadual Misael Aguilar Silva*” relata, no terceiro artigo, como a escola tornou-se referência junto às escolas estaduais do território do Sertão do São Francisco e discutem de que maneira, atividades educacionais ali desenvolvidas têm contribuído para fortalecer seus projetos pedagógicos, seja em sala de aula como em extraclasse. As produções de audiovisuais, realizadas a partir de pesquisas de estudantes da referida escola, confirmam os resultados positivos da interface Comunicação e Educação.

Em seguida, o quarto artigo “*Educomunicação e Universidade Aberta à Terceira Idade: construindo conhecimento na troca de experiências e vivências*”, de autoria de Francisco Silva, descreve como foi participar do projeto de extensão com alunos do curso de Pedagogia e da Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, desenvolvido a partir de conceitos de educomunicação, o que foi de grande relevância para a construção de conhecimentos de forma democrática e cidadã. Segundo o relato, os discentes do curso de Pedagogia envolvidos com o projeto destacam a importância de experimentar novas formas de trabalhar com o conhecimento - que difere de muitos já aprendidos ou apresentados no próprio curso de graduação -, o que expande a possibilidade de novas opções profissionais no âmbito pedagógico e de pesquisas, dentro e fora do espaço universitário. As atividades foram desenvolvidas por meio de ações educacionais em rodas de conversas, enriquecendo as vozes das participantes no processo.

O quinto estudo “*A Mercantilização da Educação: o Estado aberto à privatização do ensino*” de Gerbson da Silva Santos apresenta uma resenha do artigo produzido por Maria Raquel Caetano, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Vera Maria Vidal Peroni, doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) denominado “*Relações entre o público e o privado na educação brasileira: neoliberalismo e neoconservadorismo*”. A relevância acadêmica e social do estudo da dupla de pesquisadoras, segundo o autor, está no fato de que elas problematizam o papel do Estado como

gestor – ou não – das políticas públicas na educação tendo em vista que tais políticas influem na formação não somente de discentes e docentes mas de toda uma sociedade.

Por fim, o dossiê inclui ainda duas entrevistas com temáticas emergentes na interface educacional transversalizada pelas mídias e tecnologias. A primeira tem como tema *O Game Comenius e a formação docente*, entrevista concedida pela Professora Dulce Márcia Cruz da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) que nos desafia a refletir a inclusão e usos de jogos eletrônicos nos contextos da formação docente. A segunda aborda um tema delicado e necessário, quanto as interações de crianças e adolescentes com as telas, numa entrevista sobre *Os desafios de crescer diante das tecnologias digitais*, com o psicólogo Alessandro Marimpietri.

O presente dossiê dar a conhecer as produções em andamento por parte dos docentes, pesquisadores, profissionais e estudiosos da área é compromisso mais que necessário. Daí nossa satisfação em compartilhar com leitores de todo o Brasil o fruto deste caminho mais recente da ComSertões: trata-se de mais uma importante iniciativa documental e histórica que já está nos indicando a molecularidade e o enraizamento de práticas nos territórios locais, nos diversos contextos e cotidianos.

Boa leitura!

Ana Luisa Zaniboni Gomes (MECOM/USP)

Edilane Carvalho Teles (DCH III/UNEB; Polifonia/UNEB; MECOM/USP)

Eliana Nagamini (MECOM/USP; FATEC/SP)

Organizadoras

CRIAÇÃO DO BLOG NEDUCOM: PERCURSOS COLETIVOS SOB A PERSPECTIVA DO ENSINO, DA PESQUISA E DA EXTENSÃO

Iva Autina Cavalcante Lima¹
Elis Rejane Santana da Silva²

Resumo: Este artigo apresenta o processo de criação do Blog NEducom, a partir de uma perspectiva coletiva e educacional, com ações realizadas por estudantes dos dois cursos do Campus III (Juazeiro/BA) da Universidade do Estado da Bahia -UNEB – Pedagogia e Jornalismo em Mídias - e a comunidade local. A proposição da criação do Blog teve a sua origem na necessidade do grupo de participantes do Núcleo Educom no objetivo de divulgar as ações realizadas no formato constitutivo da perspectiva da educação dentro do Campus III, de forma mais direta sob os olhares que margeiam o ensino, a pesquisa e a extensão. O percurso desenvolvido pelo grupo na criação do Blog contou com a agregação dos conhecimentos de professores e discentes, proporcionando, dessa maneira, diferentes e múltiplos saberes gerados para os discentes envolvidos e, mais particularmente, para os estudantes do ensino fundamental 1 da escola municipal, Professora Crenildes Luís Brandão, que abraçou a proposta das ações, em que foi oferecida uma oficina de fotografias e outras vivências. A experiência contribuiu cientificamente e culturalmente para o aprendizado de novos conhecimentos para todos os envolvidos. Atualmente, o Blog encontra-se em seguimento, com outros coautores e monitores de extensão.

Palavras-chave: Educação; Curricularização; Extensão; Pesquisa; Ensino.

CREATION OF THE NEDUCOM BLOG: COLLECTIVE JOURNEYS FROM THE PERSPECTIVE OF TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION

Abstract: This article presents the creation process of Blog NEducom, from a collective and educational perspective, with actions carried out by students of the two courses of Campus III (Juazeiro/BA) of the State University of Bahia -UNEB – Pedagogy and Journalism in Media - and the local community. The proposal for the creation of the Blog had its origin in the need of the group of participants of the Educom Nucleus in order to disseminate the actions carried out in the constitutive format of the perspective of education within Campus III, more directly from the perspectives that surround teaching, research and extension. The course developed by the group in the creation of the Blog relied on the aggregation of the knowledge of teachers and students, thus providing different and multiple knowledge generated for the students involved and, more particularly, for the students of elementary school 1 of the municipal school, Professor Crenildes Luís Brandão, who embraced the proposal of actions, in which a photography workshop and other experiences were offered. The experience contributed scientifically and culturally to the learning of new knowledge for all involved. Currently, the Blog is being followed up, with other co-authors and extension monitors.

Keywords: Education; Curriculum; Extension; Search; Teaching.

¹ Professora do Curso de Pedagogia - DCH - Campus III da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Doutoranda no Curso de Informação e Comunicação em Plataformas Digitais - Aveiro/Porto- Portugal.

² Doutorado em Ciências pela ECA/USP. Mestra em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental. Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação. Professora adjunta do DCHIII- UNEB- Campus Juazeiro/BA.

CREACIÓN DEL BLOG NEDUCOM: VIAJES COLECTIVOS DESDE LA PERSPECTIVA DE LA DOCENCIA, LA INVESTIGACIÓN Y LA EXTENSIÓN

Resumen: Este artículo presenta el proceso de creación del Blog NEducom, desde una perspectiva colectiva y educacional, con acciones realizadas por estudiantes de los dos cursos del Campus III (Juazeiro/BA) de la Universidad del Estado de Bahía -UNEB – Pedagogía e Jornalismo em Múltiplos - y la comunidad local. La propuesta de creación del Blog tuvo su origen en la necesidad del grupo de participantes del Núcleo Educom de difundir las acciones realizadas en el formato constitutivo de la perspectiva de la educación dentro del Campus III, más directamente desde las perspectivas que rodean la docencia, la investigación y la extensión. El curso desarrollado por el grupo en la creación del Blog se basó en la agregación de los saberes de docentes y alumnos, brindando así diferentes y múltiples conocimientos generados para los alumnos involucrados y, más particularmente, para los alumnos de la escuela primaria 1 del municipio escuela, el profesor Crenildes Luís Brandão, quien acogió la propuesta de acciones, en las que se ofreció un taller de fotografía y otras experiencias. La experiencia contribuyó científica y culturalmente al aprendizaje de nuevos conocimientos para todos los involucrados. Actualmente, el Blog se encuentra en seguimiento, con otros coautores y monitores de extensión.

Palabras clave: Educación; Plan de estudios; Extensión; Buscar; Enseñando.

1. INTRODUÇÃO

O propósito de criação de um blog para o núcleo Educom teve em sua essência solucionar a problemática da necessidade de um lugar-espço, aonde fosse possível partilhar e divulgar as informações dos trabalhos desenvolvidos na perspectiva da interface Educação e Comunicação sob o olhar do ensino, da pesquisa e da extensão, além de constituir-se, também, como um meio de dar ampla visibilidade ao armazenamento de projetos realizados e partilha teórico-prático das ações, como a coleta de informações, atividades junto às comunidades, dentre outras.

O Blog NEducom, portanto, surgiu propositalmente nas sugestões do componente curricular denominado Núcleo de Aprofundamento em Educom, que faz parte da nova matriz curricular do curso de Pedagogia do DCH III. O Núcleo Educom, entre outros, tem o objetivo de garantir o aprofundamento de estudos relativos à interface Educação e Comunicação, através de ações coletivas junto às comunidades internas ou externas, planejadas e gestadas pelos próprios estudantes do núcleo, conforme demandas ou ideias apresentadas pelas comunidades.

Dessa forma, o percurso de criação aqui apresentado foi, assim, desenvolvido por um grupo de estudantes do curso de Pedagogia e do curso de Jornalismo e Múltiplos do mesmo campus universitário, a saber, Campus III/UNEB. Este também contou com a participação de professores,

em que reuniram diversas observações e conhecimentos, agregando as fontes para que a construção do Blog tivesse, de fato, o movimento coletivo que a educomunicação propõe.

Nessa perspectiva, a partir das visões dos autores Freire (1979, 1997, 2003), Soares (2002, 2006, 2011, 2014) e Azevedo (1988), entre outros, apresentaremos, neste documento, experiências e observações delineadas por meio da práxis advinda dos percursos ligados ao ensino, à pesquisa e à extensão, conforme elencado seguidamente na constituição deste texto.

2. CRIAÇÃO DO BLOG NEDUCOM E SEUS PERCURSOS

Os docentes que acompanham o Núcleo de Aprofundamento em Educom guardam em suas ações as relações com a Educomunicação e buscam conduzir sua práxis pedagógica, dos componentes do curso de Pedagogia, com uma tendência à produção coletiva e democrática, incorporadas na didática de suas salas de aula. Cada componente é único e tem sempre um caminho diverso a percorrer, cujo desenho metodológico proposto pode, em alguma medida, ter encaminhamentos iniciais diferentes. Nesse sentido, por conta do período do semestre letivo de apenas de 04 (quatro) meses, em que os/as discentes estão envolvidos/as em projetos que devem ser desenvolvidos nesse formato: coletivo, democrático e integrado às comunidades escolhidas para realizarem as atividades, já se apresenta um dado desafiador para a prática em Educomunicação: o tempo.

Além disso, temos a variação de *lócus* do desenvolvimento dos projetos, pois em uma grande quantidade de casos, sua continuidade não é garantida devido a alternância de grupos de estudantes envolvidos/as. Relativamente a isso, talvez seja este, também, um aspecto frágil para a prática educucomunicativa, já que uma miríade de interesses, projeções, intenções, na produção de um projeto pode não ter a durabilidade necessária para obter os resultados desejados com a chegada e constituição de grupos de discentes ou participantes diferenciados.

De todo modo, Soares (2014) tem-nos convidado a observar esses contextos de união ou de resistências, para que continuemos na busca dos caminhos mais clareadores do entendimento das práticas educucomunicativas, mais particularmente em contextos midiáticos.

Felizmente, cresce, hoje, no Brasil, a disposição para uma colaboração mais sólida entre os agentes que trabalham com Educação Midiática, independentemente da

designação das correntes teórico-programáticas a que se filiam. O importante – entendem seus promotores – é unir forças para ampliar os espaços de negociação, especialmente com as políticas públicas, ainda resistentes em entender a importância de se tomar a mídia e a comunicação objetos de consideração no trabalho educativo (Soares, 2014, p.24)

A visão do autor, nos leva a afirmar que, na maioria dos projetos, sobretudo as que são planejadas e executadas nos espaços escolares – provavelmente, em decorrência de uma dinâmica particular - a prática desenvolvida ocorre mais no campo das mídias educativas, do que efetivamente na perspectiva da Educomunicação.

Nessa premissa, observamos que, a partir das discussões realizadas pelos/as docentes do referido núcleo, o NEducom, necessitava de um espaço virtual onde se poderia alocar, divulgar e partilhar os projetos, portfólios e produções (podcasts, vídeos-documentários, entrevistas, entre outros.), desenvolvidas pelo próprio núcleo, objetivando dar maior visibilidade às produções realizadas e arquivando-as para serem, posteriormente, conhecidas.

O intuito inicial constava da produção de um site, no entanto, a demanda institucional acarretava em tempos e custos hábeis que não dispúnhamos. Dessa forma, optamos, coletiva e democraticamente, junto aos estudantes matriculadas no núcleo de Educom, do semestre 2022.2, pela produção de um Blog, já que o mesmo nos permitiria uma maior autonomia, princípio basilar nas produções em Educom, tomando como base a visão de Soares, em que

[...] a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. Para tanto, supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos polos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação dos espaços de expressão. (2002, p. 24).

Nesse sentido, a criação do Blog do NEducom constituiu-se na representação do *lócus* de expressividade dos/as estudantes, que passam a desenvolver novos conhecimentos técnicos e instrumentais relativos ao uso da linguagem computacional e informal, como também a elabora as

pautas, noticiários, tratamento de imagens, dentre outros, num cenário de um produto construído coletivamente dentro dos princípios basilares da Educomunicação.

A proposta da temática inicial deu-se a partir da ideia na qual seria a primeira pauta do Blog do NEducom, sendo definidos na dialógica e na praxiológica a se desenvolver com os sujeitos mediante os princípios em Educomunicação. Foi assim que contamos, desde o início, com a participação da comunidade local e estudantes do ensino fundamental 1 da Escola Municipal Professora Crenildes Luís Brandão, localizada no bairro Coreia, Juazeiro-BA.

A partir dessa perspectiva, os itinerários da proposta começaram a se delinear e se materializar. Portanto, passaremos a descrever, seguidamente, as maneiras de como se concebeu e constituiu o Blog NEDUCOM a partir do prisma do ensino, da pesquisa e da extensão, bases constitutivas do fazer acadêmico da UNEB.

2.1. BLOG NEDUCOM: O OLHAR DO ENSINO

O Núcleo de aprofundamento foi iniciado em 2021 junto com a nova grade curricular do curso de Pedagogia do DCH-III - particularmente, o único curso da UNEB que se destaca nesta perspectiva. A nova grade curricular possibilitou a oferta de núcleos de formações específicas e diversificadas, de caráter interdisciplinar, denominados de Núcleos de Aprofundamento: I) Educação Infantil e Séries iniciais do Ensino Fundamental; II) Educação e Comunicação; III) Educação de Jovens e Adultos; IV) Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica.

As quatro abordagens referidas se dividem na matriz curricular a partir do 5º semestre e no final do curso, destacando-se a exigência ao/à graduando/a para a tomada de decisão acerca da escolha de participação em um dos 04 núcleos. A decisão é adotada pelo/a discente conforme o seu perfil e de como este deseja atuar profissionalmente, acarretando, preferencialmente, na opção pelo aprofundamento de estudos relativos ao eixo no qual se deu a sua escolha.

Dessa forma permite-se o diálogo e o respeito coletivo às perspectivas, às formas de pensar, criticar, tanto os meios e recursos tecnológicos quanto às diferentes opiniões.

Conforme o Projeto de Reformulação Curricular (UNEB/2019), quanto aos Núcleos de Aprofundamento, mais relativamente ao ingresso do/a discente no núcleo, a proposta ocorre da seguinte forma:

O ingresso do estudante no núcleo ocorre a partir do primeiro semestre e não se vincula a um semestre específico de modo que o estudante poderá conviver no início do curso com estudantes dos semestres posteriores numa dinâmica formativa em que o estudante poderá vivenciar desde o primeiro ano de curso uma relação prática com os professores e os alunos dos semestres posteriores ao seu. Os alunos deverão matricular-se em núcleos distintos nos quatro primeiros semestres, podendo a partir do quinto semestre repetir os núcleos conforme seus interesses de aprofundamento (2019, p. 118).

Esse prisma permite que os/as discentes obtenham diferenciadas experiências nas práticas das proposições em que se envolveram quando na participação em cada um dos quatro núcleos conforme as suas escolhas em cada semestre, como consta no projeto de reformulação do curso de Pedagogia, já anteriormente citado, (2019):

Dos núcleos poderão resultar novas tecnologias educacionais por meio da elaboração de produtos destinados a se constituir recursos didáticos para utilização nos espaços educativos no âmbito da educação formal, não formal e informal (p.118)

Nesse mesmo sentido, relativamente à discussão em foco e, particularmente, da relação Educação e Comunicação, as competências a serem aprofundadas estão indicadas no Projeto de Reconhecimento do curso de Pedagogia e tem como proposição as seguintes coordenadas:

- Enfocar as práticas comunicacionais nos processos educativos;
- Desenvolver projetos Educomunicativos;
- Reconhecer os meios de comunicação e de seus suportes (linguagens, como operam, limites, alcance, etc.) em uma perspectiva pedagógica;
- Fomentar as novas tecnologias para fins didáticos e problematizar as formas, técnicas e procedimentos a partir de uma abordagem pedagógica dos mesmos
- Viabilizar os elementos teórico-práticos que permitam ao aluno a análise e a reflexão sobre produções audiovisuais, propiciando a compreensão dessas experiências por meio da ampliação de sua leitura e produção;
- Problematizar o campo pedagógico frente aos processos observados com o uso das tecnologias de informação e comunicação, que demandem em revisão dos conceitos de ensino, de aprendizagem, de conteúdo, de atividades e das metodologias;
- Considerar a dimensão educativa (formativa) implicada nos fenômenos midiáticos;
- Desenvolver um olhar nas leituras de imagens no processo educativo;
- Elaborar e desenvolver projetos de ensino, pesquisa e extensão, articulando conexões entre a educação e a comunicação;
- Conhecer e aplicar programas existentes de Educação à Distância, promovidos pelo setor público, instituições educacionais, ONGs e outros;

- Realizar pesquisas sistemáticas para avaliar o alcance e resultados dos cursos e programas em andamento, de modo a propor ajustes, extinção ou criação de outros;
- Analisar as concepções de educação, aprendizagem, conhecimento e de comunicação propostas nos cursos e programas de Educação à Distância;
- Estudar, experimentar e avaliar projetos pedagógicos, tais como: rádio-escola, jornal, cinema e outros afins, desenvolvidos no ambiente escolar dos diversos níveis de modalidades de ensino. (p.122-123).

Portanto, é perceptível o quantitativo de possibilidades advindas da agregação de competências geradas no interim das atividades de estudos advindos dos processos de ensino, pesquisa e extensão relativas ao núcleo de Educom – NEducom e que podem ser desenvolvidas durante o processo de construção de ações educacionais na participação dos componentes.

Na metodologia adotada para a execução das atividades do NEducom, como exemplo, foi proposta a organização de dois momentos distintos, primeiramente em: 1) Encontros gerais, com todos/as discentes matriculados/as naquele semestre específico e os docentes vinculados/as ao núcleo. Nestes encontros optou-se por discutir conceitos e práticas em Educomunicação a partir de fundamentos teóricos mais vinculados ao NCE/ECA/USP, bem como fazer a avaliação e a reflexão a respeito do andamento dos projetos idealizados, planejados e executados pelos/as discentes em seus respectivos grupos de trabalhos. O segundo momento: 2) foram realizados os encontros por Grupos de Trabalho - GTs conforme seus interesses, em que cada grupo de estudantes em face de suas escolhas pessoais e perfis, escolhe sua participação em um dos três GTs, a saber: a) Projetos baseados na Educomunicação mais voltados às instituições escolares; b) Temáticas voltadas para a Educação e Cidadania, Alfabetização midiática e Formação. Este GT desenvolve projetos junto à UATI (Universidade aberta à terceira idade) e ao acervo Dom José Rodrigues; e o c) GT voltado à Produção midiática em Educomunicação, Tecnologias para Educação, Educomunicação Socioambiental e Ecopedagogia. O intuito central desse GT é capitanear esforços para executar projetos que ensejam ideais voltados às questões socioambientais e educativas junto às comunidades.

É importante ressaltar aqui que a natureza epistemológica de cada GT coaduna com as linhas de pesquisa de docentes envolvidos, geralmente por questões de especificidades teórico-práticas, as quais são apresentadas nos projetos de extensão ou de pesquisa que desenvolvem.

A escolha temática dos/as estudantes, no entanto, não é uma regra, pois os/as estudantes têm a liberdade para reformular, remodelar seus anseios pessoais ou do grupo do GT, configurando-se na prática expressiva e dialética, nas decisões democráticas e no ensejo de pactuar decisões, corroborando, sobremaneira, com Soares, quando pontua que:

Para o exercício de seu escopo, o conceito da Educomunicação pressupõe, contudo, a autonomia epistemológica de sua ação, uma vez que busca sua sustentação não exatamente nos parâmetros da Educação (em suas filosofias ou didáticas) ou, mesmo, da Comunicação (em suas teorias e práticas), mas na interface entre ambas (o mundo que se revela no encontro dos dois campos tradicionais). No caso, a Educomunicação dialoga com a Educação, tanto quanto com a Comunicação, ressaltando, por meio de projetos colaborativamente planejados, a importância de se rever os padrões teóricos e práticos pelas quais a comunicação se dá. Busca, desta forma, transformações sociais que priorizem, desde o processo de alfabetização, o exercício da expressão, tornando tal prática solidária, fator de aprendizagem que amplie o número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação (SOARES, 2014, p.23).

Nesse sentido, as ações perspectivadas na interface Educação e Comunicação (Curso de Pedagogia) e Comunicação e Educação (Curso de Jornalismo em Mídias), ou até mesmo o prisma da Educomunicação, têm chegado para esses/as estudantes, na maioria das fases, como algo completamente novo, chegando a causar um certo fascínio em desenvolver a *práxis* que segue na contramão de processos carregados de uma educação tradicional, normalmente desenvolvida na comunidade escolar de onde esses/as estudantes são oriundos/as. Dessa forma, a perspectiva da Educomunicação constitui-se como uma maneira diferenciada de aprendizagem, ou seja, “a educação é comunicação, é dialógica, na medida em que não é transferência de saber, mas encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1979, p. 69).

Essa perspectiva também coaduna com o dizer de Soares (2002):

[...] a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa. Para tanto, supõe uma teoria da ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de

uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos polos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação dos espaços de expressão. (SOARES, 2002, p. 24).

Assim, compreendemos, a partir das referências apresentadas por Freire (1979) e Soares (2002) e de nossas próprias experiências, que o movimento mais significativo que se dá no processo em educomunicação é a *práxis*, em que a produção e a difusão de conhecimento recebam o caráter do pensar e fazer como um conjunto de meios para ser, conviver e aprender.

2.2. BLOG NEDUCOM: O OLHAR NA PESQUISA

Ao iniciarmos as ações relativas às práticas do GT ao qual pertencemos (c), fizemos ainda em 2022.2, uma pesquisa (através de formulário no Google) acerca dos interesses dos/as estudantes quanto às expectativas do que pesquisar/executar no próximo semestre (2023.1). Como resultado, obtivemos 90% de interesses no desenvolvimento de um Blog. Este dado deixou evidente a necessidade de capitanear esforços na produção de um blog, por se caracterizar como um “repositório” necessário para o armazenamento das produções realizadas nos GTs do NEducom e demais componentes curriculares, além de ser produto dos mesmos.

Dessa forma, o Blog NEducom foi desenvolvido com a possibilidade de reunir projetos e práticas educacionais na utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, integrando e agregando diversos olhares, saberes e vozes dos sujeitos que circundam os ecossistemas ali gerados, conforme a visão de Soares, a seguir:

Tomando a ideia proveniente do esforço que vem sendo feito, hoje em dia, para manter uma relação equilibrada entre o homem e a natureza, a Educomunicação entende ser necessário a criação de "ecossistemas comunicativos" nos espaços educativos, que cuide da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação (SOARES, 2006, p.1).

Portanto, considerando esse prisma de Soares, a prática educacional também permite atrelar-se aos processos pedagógicos que utilizam as TIC enquanto recursos e meios para produzir os “ecossistemas comunicativos”. Assim, a produção responsável pela criação do Blog formatou

suas ações democraticamente, ouvido e coletando sugestões no uso dos recursos disponíveis e, depois, selecionando as opções, agregando-as, de modo a tornar o Blog um meio de facilitar o encontro de saberes ligados à educomunicação, em que as histórias ali contadas, pudessem, antes de tudo, ser vivenciadas.

A construção do Blog constituiu-se, sobremaneira, como espaços abertos para toda a comunidade acadêmica pensar, dialogar e discutir questões de interesses de todos/as, dispondo dos recursos tecnológicos adequados no departamento do DCH III, nas pesquisas na Internet, na produção de textos e Blog, e nos variados momentos que potencializaram essas relações.

Na construção do Blog do NEducom e da conta no Instagram (@neducom), idealizados, planejados e estruturados pelos/as estudantes atuantes no GT3, observou-se a necessidade fulcral da presença de estudantes de ambos os cursos de forma efetiva para um acompanhamento mais eficaz no sentido de dar feedback aos/às usuários/as, além da manutenção da rotatividade de notícias, no sentido de atender a um viés jornalístico de domínio dos/as discentes de Jornalismo em Múltiplos e a formatação didática característica dos/as discentes de pedagogia. A abertura da conta do Instagram teve a intenção de garantir a divulgação do blog, criando expectativa acerca da própria produção, do mesmo modo que partilha informações instantâneas e curtas sobre Educomunicação e do NEducom.

Desse modo, o formato do Blog NEducom escolhido pelo grupo buscou tratar dos relatos de experiências em educomunicação, além de servir de repositório de projetos/produções já realizados em Educom, em uma proposta inovadora e necessária para o apoio aos projetos realizados, presentes e vindouros, elaborados por discentes e docentes em Educomunicação.

O exercício de revitalização do Blog e do Instagram, seja em relação às imagens, aos vídeos, indicações bibliográficas, matérias, entrevistas, deixou claro a necessidade da colaboração dos estudantes de forma sistematizada, sobretudo em manter o blog atuante e atualizado, dada a importância que o mesmo teria para os envolvidos e o próprio NEducom.

Nesse intuito, deve-se destacar os objetivos³ do Blog do NEducom, elaborado pelo grupo de estudantes.:

³ Objetivos retirados do projeto de construção do Blog, produzido pelo coletivo de estudantes e docentes.

- a) Produzir matérias, manter o fórum e o chat em dia, formatar as imagens e vídeos encaminhados para o compartilhamento pelo Blog, a fim de que amplie a capacidade de recepção dessas informações veiculadas no próprio Blog, seja pela comunidade local, ou até mesmo onde a capilaridade do Blog consiga alcançar;
- b) Manter a regularidade de matérias e notícias novas mensalmente pelo blog;
- c) Produzir card de divulgação para o Instagram, com regularidade semanal e acompanhar as solicitações de novos/ seguidores/as, bem como acompanhar o direct do Instagram;
- d) Participar das reuniões do GT 3 para se manter informado/a das decisões acerca do Blog com os/as demais estudantes do GT 3 de Educom, do curso de Pedagogia, vinculados/as ao Blog e Instagram;
- e) Contribuir com os/as estudantes do curso de Pedagogia (GT3), para que possam se apropriar das técnicas do fazer jornalístico na produção e manutenção do Blog e Instagram.

Vale enfatizar que a criação do Blog tende a favorecer significativamente as ações de partilha e desenvolvimento da pesquisa científica para a formação dos/as estudantes dos dois cursos envolvidos, de modo a aperfeiçoar suas competências e habilidades em diversos aspectos através da produção de novos conhecimentos e nos processos do fazer acadêmico.

2.3. BLOG NEDUCOM: O OLHAR NA EXTENSÃO

Inicialmente, julgamos importante fazer uma abordagem referente à curricularização da extensão concernentes ao Plano Nacional de Educação (PNE), Lei n.º 13.005/2014, meta 12, que foi traduzida na Resolução CNE/CES n° 7, de 18 de dezembro de 2018 pelo MEC e, conseqüentemente, institucionalizada na UNEB por meio da Resolução CONSEPE/UNEB 2.018/2019 que direciona sua gestão:

A Extensão Universitária é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação entre a Universidade e outros setores da sociedade, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa. Ficam instituídas, por meio da presente Resolução, as Diretrizes para a Curricularização da Extensão na UNEB, definindo

princípios, fundamentos e procedimentos que serão observados no planejamento, nas políticas, na gestão e na avaliação da instituição. (CONSEPE, 2.018/2019, Art.1, p.2).

Como podemos perceber, a curricularização de extensão torna-se uma exigência legal e necessária na composição e gestão dos componentes obrigatórios para a formação de universitários/as. A extensão deve estar integrada ao currículo, o que possibilita associar a importância do viés social da própria universidade, aqui expressamente no curso de Pedagogia, em consideração ao que é indicado na mencionada resolução:

A Curricularização da Extensão parte do pressuposto de que as ações de extensão devem fazer parte do percurso acadêmico de discente, possibilitando-lhes autonomia e protagonismo para que experimentem uma formação acadêmica integral, interdisciplinar e indissociável entre ensino, pesquisa e extensão (CONSEPE, 2.018/2019, Artigo 2º, p.2).

Nessa perspectiva, consideramos as ações inerentes ao NEducom uma das garantias do cumprimento exigido na curricularização da extensão, já que em sua gestão são executados os processos que subjazem à integração dos fundamentos do ensino, da pesquisa e da extensão, principalmente no concerne à participação direta da comunidade externa, desde a concepção das práticas educacionais até nos processos de execução, seja em espaços formais, informais e não-formais quanto na própria comunidade local. Desse modo, têm-se na extensão uma via de mão dupla na construção e desenvolvimento de novos saberes gerados no fazer científico dentro da universidade e na contribuição da universidade junto à sociedade atuante.

Diante disto, estruturou-se o projeto *Educomunicação é Gol*, sendo definido a partir de estudos do ponto de vista teórico em Educomunicação até chegar-se ao tema de interesse do grupo: *Os símbolos nacionais e usos das cores da bandeira brasileira em tempos de polarização política e de Copa do mundo*. Essa temática emergiu nos processos de diálogo e escuta através da questão: *o que pensam as pessoas acerca desta inversão dos usos dos símbolos nacionais e como pensam e se comportam diante disto em ano de copa do mundo?*

A indagação teve uma identificação com os símbolos nacionais que, no momento do processo, se mostrou confundida com a política partidária do período de eleições presidenciais e, se encontrou misturada ao ano de Copa do Mundo (2022), uma das paixões brasileiras.

Considerando a produção dessa primeira pauta a partir dos princípios de educomunicação, ficou definida a aplicação das ações com as turmas das crianças que cursavam o ensino fundamental 1 da Escola professora Crenildes Luís Brandão, pois essas turmas se encontravam, naquele momento, ocupando salas do DCH-III em decorrência da reforma nas instalações da sede da escola, localizada nas proximidades da universidade, o que contribuiu geograficamente com as atividades para todos os envolvidos. A referida escola possuía um número total de 197 estudantes (em 2022), divididos/as em 4 (quatro) turmas, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental 1, dentro da faixa etária entre seis e doze anos de idade.

Relativamente aos objetivos⁴ dessa primeira ação com as turmas, pode-se destacar:

- a) Abordar a temática Copa do Mundo, visando a participação das crianças no desenvolvimento em equipe;
- b) Contribuir com as práticas educacionais;
- c) Possibilitar a participação coletiva na atividade a ser desenvolvida com as crianças, em que haverá uma interação de ambas as partes;
- d) Promover a produção de um Blog.

Partindo desses objetivos, seguiu-se o roteiro e divisões das atividades planejadas, desenvolvendo-se as seguintes estratégias metodológicas:

1. Conversar com a turma sobre copa do mundo;
2. Apresentar os símbolos nacionais;
3. Desenhar e colorir de forma coletiva a bandeira do Brasil, com base nas explicações sobre os significados das cores e representação das suas partes;
4. Realizar a oficina de fotografia (produzida e executada pelos/as estudantes de Jornalismo em Mídias);
5. Organizar a atividade na quadra de esportes com decoração para a copa do mundo e com o registro de imagens feitas pelas crianças (como sugestão para a culminância do projeto pela escola);

⁴ Objetivos construídos coletivamente com docentes e discentes e que consta no projeto *Educomunicação é Gol*.

6. Promover o encontro com todas as turmas (foi realizado no dia 24 de novembro de 2022, a partir das 13h30, nas salas de aulas, de acordo com a discriminação: GT1: 1º ano (26 crianças); GT2: 3º ano (19 crianças); GT3: 5º ano A (25 crianças); GT4: 5º ano B (25 crianças)).

As propostas de ação mencionadas foram elaboradas no ensejo de estarem mais próximas possível dos princípios em educomunicação, sendo considerados os limites no desenvolvimento de uma prática que requer múltiplos olhares de um ecossistema envolto, considerando-se as estruturas pedagógicas das instituições na qual necessitamos nos adequar.

Em relação ainda aos aspectos metodológicos, a ação educacional teve o intuito de demonstrar às crianças como a copa contribui na compreensão da cultura do nosso país, tendo como base os estudos realizados e os debates sobre o referido projeto durante os encontros, aprofundando os aspectos envolvidos na bandeira brasileira através de AZEVEDO (1988), que tratou, em seus escritos, como se deu a produção da bandeira nacional.

Em linhas gerais, esta atividade foi muito apreciada pela instituição de ensino participante, pelos/as docentes que acompanharam a atividade e, principalmente, pelas crianças parceiras nessa proposta. Seguem abaixo algumas imagens da respectiva atividade:

Imagem 1. Estudantes do ensino fundamental 1, desenhando e pintando a bandeira



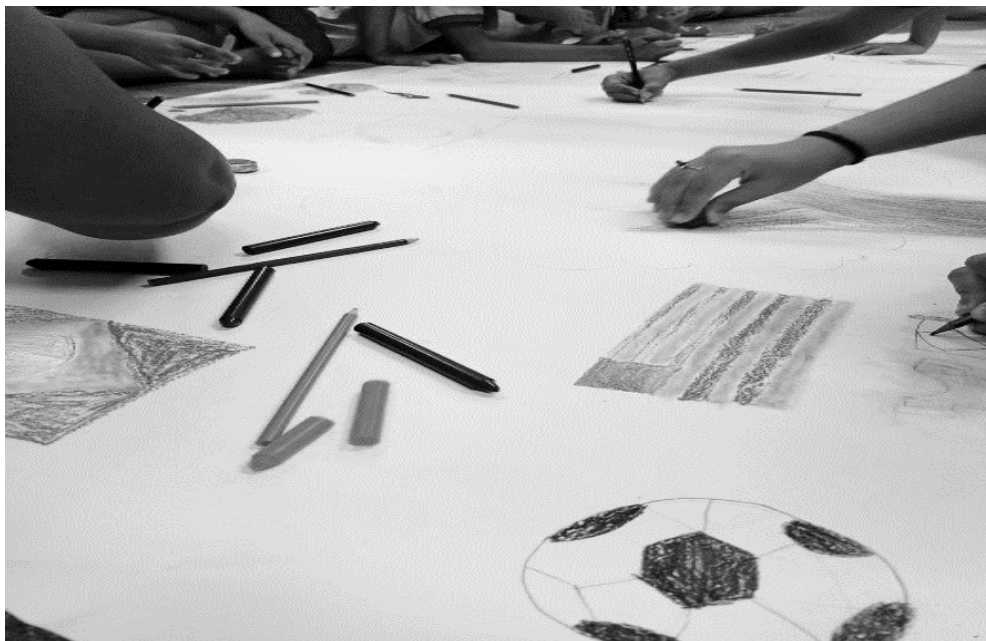
Fonte: Projeto Educomunicação é Gol! – Disponível em <https://ury1.com/tW7kS>

Imagem 2. Estudantes do ensino fundamental 1, fotografando com os celulares



Fonte: Projeto Educomunicação é Gol! – Disponível em <https://ury1.com/tW7kS>

Imagem 3: Estudantes do ensino fundamental 1, desenhando impressões sobre a copa.



Fonte: Projeto Educomunicação é Gol! – Disponível em <https://ury1.com/tW7kS>

O tema *Copa do Mundo* fazia parte do conjunto de atividades planejadas pela escola, portanto, a escolha dessa ação não foi arbitrária, contrariamente a isso, nossa proposta encontrava-se conectada ao Projeto Político Pedagógico da instituição, valorizando o interesse dos/as estudantes envolvidos. A recepção dos/as estudantes e educadores/as foi bastante positiva desde o

início das ações e a reação das crianças quando foi anunciada a oficina de fotografias era de grande expectativa e animação. Algumas fotos aqui apresentadas, como também no blog, foram produzidas pelos/as próprias estudantes da escola durante essa oficina.

As ações propostas nos levaram a compreender que este tipo de produção de projetos, com toda a força efetiva da educomunicação, contribui qualitativamente para o desenvolvimento dos conhecimentos de todos os participantes, primordialmente para os estudantes como mencionado por Soares (2011), quando aponta que:

Nos projetos educucomunicativos os alunos ampliam ainda mais o vocabulário e seu repertório cultural; aumentam suas habilidades de comunicação; desenvolvem competências para trabalho em grupo, para negociação de conflitos e para planejamentos de projetos. Além de auxiliar no desempenho escolar e outros ganhos. Além disso, a partir dessa participação, surgem grêmios estudantis, cooperativas de trabalhos, grupos juvenis de intervenção comunitária e periódicos. (SOARES, 2011, p. 25).

Nesse sentido, movidos/as por esse movimento problematizador e transformador que um projeto educucomunicativo pode alcançar, concluímos aqui a exposição dessa experiência em educomunicação, vivenciada e ecoada coletivamente no Blog por diversas e diferentes mãos.

3. RESULTADOS OBTIDOS

Como resultados dessa experiência em educomunicação, constatamos também não ter ocorrido nenhuma discrepância entre graus de formação dos envolvidos, nenhuma observação às formas de dialogar, diferenças de idade ou outras, o que nos deixou confortáveis ao chegar ao final dessas práticas primando pelo diálogo e o respeito entre os saberes problematizados pelos sujeitos da educação envolvidos, como nos explica Freire:

O que se pretende, com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento, em sua indiscutível relação com a realidade concreta, na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 1973, p. 57).

Desse ponto de vista, retornando para às produções do blog, ressaltamos que o diálogo contínuo nas ações idealizadas e produzidas pelos/as participantes, desde a ideia do ponto de vista

estético, quanto aos aspectos da comunicação visual (cores, formatos de letras, logo do blog, entre outros) foram de extrema significância para o avanço e a continuidade do projeto e dos propósitos de criação do Blog NEDUCOM.

Nesse caminho, foram executados, também, os momentos de produção no laboratório de redação do departamento, onde cada peça publicitária relativa à valorização da cultura local e aos aspectos do semiárido baiano que nos representasse, observando-se o modo de vida do/a nordestino/a, foram produzidas com o cuidado de atender às premissas do movimento coletivo, fazendo e refazendo cada imagem, cada vídeo até a versão a ser publicada no blog, como podemos demonstrar nas imagens abaixo:

Figura 1: Página inicial do Blog NEducom, criado pelos/as discentes participantes



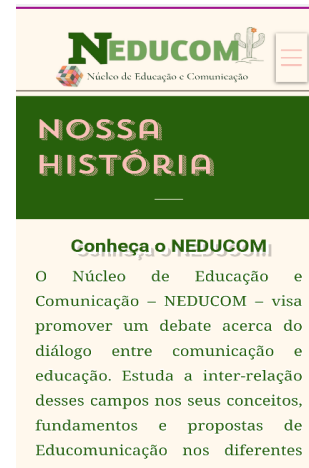
Fonte: Projeto Educomunicação é Gol! – Disponível em <https://ury1.com/tW7kS>

Fig.2 Parte do texto de capa



Fonte: Projeto Educomunicação é Gol!
Disponível em <https://ury1.com/tW7kS>

Fig.3 Parte do Menu atual



Fonte: Projeto Educomunicação é Gol!
Disponível em <https://ury1.com/tW7kS>

Com esta pequena amostra de ações publicadas no Blog, vale ressaltar, ainda, que os objetivos propostos para o início e semestre letivo (2022.2), aqui expressos, foram efetivamente atendidos, porém não representa atualmente a sua totalidade, pois o Blog e a página no Instagram continuaram, a todo momento, ser alimentado, desde então, com as últimas e novas ações no seu repositório.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso apresentado neste trabalho, em consonância com o propósito de observar, e até mesmo destacar as relações com o ensino, a pesquisa e a extensão, nos levou à reflexão do quão é fundamental dar a continuidade em ações educacionais, tanto para docentes, quanto para discentes e toda a comunidade envolvida, interna ou externamente à universidade.

O formato de participação dos autores e coautores dessa *práxis* educacional, nos revelou do quanto de interesses genuínos e significados podem ser provocados na educação, a partir dos olhares brilhantes das crianças, da fluidez do diálogo nas propostas dos/as discentes de Pedagogia e Jornalismo, das perspectivas esperançosas de todos os/as envolvidos/as.

Como já mencionado, o blog continua a se alimentar desses propósitos, inclusive sendo submetido aos processos de seleção da UNEB, como projeto extensionista, aonde obteve bolsa de permanência à um/a estudante de cada curso, garantindo que o projeto que emergiu no semestre de

2022.2, pudesse dar continuidade com o mesmo vigor e com a mesma qualidade e, sobretudo, permitir sua manutenção tão necessária aos projetos do NEducom, que segue nos próximos semestres com promessas de que ganhará corpo, com mais partilhas e novos aprendizados pelos/as discentes que se apresentarem interessados em atenderem aos objetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Rubens. **A Bandeira Nacional**. Suas cores, seu desenho, sua história, suas estrelas, seu culto, 3a ed. Fortaleza, 1988. 4. Raimundo Olavo Coimbra, Contexto Histórico, op. cit. (nota n.1), pp. 307.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 dez. 2018. Seção 1, p. 49. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-7-de-18-de-dezembro-de-2018-55877677>. Acesso em 07 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e terra, 1997.

_____. **Extensión o Comunicación?** La concientizacionen El medio rural. Buenos Aires, Siglo XXI, 1973 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

NEDUCOM. **Blog do Núcleo de Educação e Comunicação**. DCH III, 2022. Disponível em <https://ury1.com/tW7kS>. Acesso em 07. abr. 2023

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/educação**: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília, Ano 1, jan. /mar. 1999, n. 2., p. 19-74

_____. **Gestão comunicativa da educação**: caminhos da educomunicação. Revista Comunicação e Educação, São Paulo, v. 8, n. 23, p. 16-25, jan./abr. 2002.

_____. (2007). **A mediação tecnológica nos espaços educativos**: uma perspectiva educacional. Comunicação & Educação, 12(1), 31-40. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v12i1p31-40>

_____. **Educomunicação**: conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para o ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.



e-ISSN: 2357-8963

Ano XII - Vol. 13 - N° 1 - Ago/dez 2023

_____. **Educomunicação e Educação Midiática:** vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. Revista Comunicação & Educação, Ano XIX, número 2, jul/dez 2014. Disponível em: <https://deulink.com/t7NF9> Acesso em 07 de abr.2023.

_____, **Ecossistemas Comunicativos.** Núcleo de Comunicação e Educação - NEC - Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf> Acesso em 07 de abr.2023

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA Departamento de Ciências Humanas. Campus III. Colegiado do Curso de Pedagogia. Comissão de Reformulação Curricular. **Projeto Pedagógico de Reformulação do Curso de Pedagogia** - Comissão de Reforma Curricular. Juazeiro-BA, 2019, p.65.

_____, Resolução CONSEPE/UNEB 2.018/2019. Regulamento das ações de Curricularização da Extensão nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UNEB. **Bases legais: Art. 153 do Regimento Geral da UNEB.** Disponível em <https://ppgecoh.uneb.br/wp-content/uploads/2020/11/2019-4.pdf> Acesso em 07 de abr.2023.

TV ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DE UM CANAL EM UMA EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA

Adriana Maria Santos de Almeida Campana⁵

Armando Pereira Lopes⁶

Joedson Sidnei da Silva⁷

Resumo: O presente relato de experiência tem o objetivo de compartilhar uma proposta de trabalho desenvolvida pela TV Escola Juazeiro (BA), um canal de televisão educativa voltado para a comunidade da Rede Municipal de Ensino, desde a sua estreia, em 3 de novembro de 2021, até dezembro de 2022. Para tanto, propõe, discutir processos e percursos construídos no cotidiano deste canal. Este trabalho tem o objetivo de sistematizar percepções práticas a partir do fazer na TV Escola e refleti-las a luz de experiências construídas na interface Educação e Comunicação.

Palavras-chave: TV Escola Juazeiro (BA). Educação. Comunicação. Educomunicação. Televisão Educativa.

TV ESCOLA: THE CONSTRUCTION OF A CHANNEL IN AN EDUCATIVE EXPERIENCE

Abstract: This experience report aims to share a work proposal developed by TV Escola Juazeiro (BA), an educational channel aimed at the community of the Municipal Teaching Network, from its premiere on November 3, 2021 until December 2022. Therefore, it proposes to discuss the processes and paths constructed in the daily life of an educational television channel. This work has the objective of systematizing practical perceptions based on what is done on TV Escola and reflecting them in the light of experiences built in the Education and Communication interface.

Keywords: Juazeiro School TV (BA). Education. Communication. Educommunication. Educational Television.

⁵ Mestra em Educação, cultura e territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia - BA, coordenadora pedagógica da TV Escola Juazeiro, Prefeitura Municipal de Juazeiro, membro dos grupos de pesquisa EDUCERE e POLIFONIA.

⁶ Mestre em Horticultura Irrigada pela Universidade do Estado da Bahia - BA, diretor da TV Escola Juazeiro da Prefeitura Municipal de Juazeiro-BA.

⁷ Articulador em Educação Tecnológica/Técnico em Audiovisual da Prefeitura Municipal de Juazeiro-BA. Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA.

TV ESCOLA: LA CONSTRUCCIÓN DE UN CANAL EN UNA EXPERIENCIA EDUCATIVA

Resumen: Este relato de experiencia tiene como objetivo compartir una propuesta de trabajo desarrollada por TV Escola Juazeiro (BA), un canal educativo dirigido a la comunidad de la Red Municipal de Enseñanza, desde su estreno el 3 de noviembre de 2021 hasta diciembre de 2022. Por lo tanto, se propone discutir la procesos y caminos construidos en el cotidiano de un canal de televisión educativa. Este trabajo tiene el objetivo de sistematizar percepciones prácticas a partir de lo que se hace en TV Escola y reflejarlas a la luz de experiencias construidas en la interfaz Educación y Comunicación.

Palabras clave: Escuela Juazeiro TV (BA). Educación. Comunicación. Educomunicación. Televisión Educativa.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 foi ‘um divisor de águas’ para a população mundial e isso afetou todos os setores. O mundo inteiro se encontrava em colapso e no Brasil não foi diferente. Governos estaduais e municipais tiveram que (re)pensar medidas para tentar reduzir as consequências dessa grave crise, que obrigou escolas do país inteiro fechar suas portas. Esse é um fragmento da história recente que não pode ser desconsiderado ao avaliar e/ou planejar próximas ações no contexto educacional. Portanto: era preciso tentar encontrar as repostas (quando possível) às dificuldades e desafios que comprometiam experiências, exigindo novos modos de ação. Pesquisadores de várias regiões do Brasil pensavam em possibilidades para que o ensino-aprendizagem fosse possível, e as tecnologias digitais se mantinham como destaques dessa interação. Entretanto, isso não foi suficiente para sanar a maioria das demandas daquele contexto.

Como apresentado no artigo *O ensino remoto e os impactos nas aprendizagens* (TELES et al, 2020), pais e responsáveis trouxeram insatisfação e preocupação com a exclusão de alunos de escolas públicas, por falta de acesso às tecnologias digitais, como uma das principais exigências naquele momento. Assim pudemos perceber algumas mudanças nas proposições de acesso aos conteúdos educativos, a partir da publicação do Decreto Presidencial nº 10.312 de 4 de abril de 2020 que,

Amplia, temporariamente, o escopo de multiprogramação com conteúdo específico destinado às atividades de educação, ciência, tecnologia, inovações, cidadania e saúde de entidades executoras de serviço de radiodifusão de sons e imagens em tecnologia digital, com fins exclusivamente educacionais ou de exploração comercial, em razão da pandemia da covid-19. (BRASIL, 2020, s.p.)

Este decreto permitiu às TVs comerciais e educativas ofertarem recurso de multiprogramação, por meio de seus canais e possibilitou que contratos fossem firmados junto à União, Estados, Distrito Federal e/ou Municípios. Assim, nasce a *TV Escola Juazeiro – O Canal do Saber*, em Juazeiro-BA e a partir dela trazemos reflexões à luz da educomunicação, ou seja, dos diversos modos de interface entre os campos Educação e Comunicação, a TV foi um deles.

O escopo tinha como referência a busca por uma maior compreensão sobre o fazer pedagógico na TV, entendendo a importância da sistematização desta proposta inédita na cidade, bem como uma interface com os processos educacionais, que desafiam a educação e a escola a (re)pensarem os modos de realização das práticas pedagógicas. Dessa maneira, embasados em Teles (2022, p.12), entendemos que,

[...] por meio dos usos tecnológicos, estabelecem-se novas possibilidades de se construir novas práticas educativas, novos conhecimentos baseados na dialogicidade, na interatividade e na mediação exercendo assim, proposições educacionais.

Nesse sentido, percebe-se a necessidade de uma reflexão a partir destes processos, para um maior entendimento quanto ao potencial do projeto, que tinha/tem por objetivo visibilizar uma educação mais democrática, pois mesmo entendendo que democrática seja uma redundância para educação, muitas vezes isto não acontece.

2. CONTEXTO DO SURGIMENTO DA TV ESCOLA JUAZEIRO (BA)

A *Escola Presente* é uma plataforma digital elaborada na/para Secretaria da Educação (SEDUC), que teve sua implementação com o estabelecimento do cenário da pandemia e o fechamento das escolas. A preocupação da rede Municipal de Ensino de Juazeiro-BA estava na continuidade das aulas e no desenvolvimento de conteúdos educativos para efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Assim, contávamos com blocos de atividades impressos, que eram entregues pelas escolas aos estudantes (da Educação Infantil ao Ensino Fundamental), além de aulas em tempo real, via sala de aula virtual da plataforma, além de acompanhamento remoto por meio de grupos em redes sociais e aplicativos de comunicação, com quase exclusiva aderência e usos do WhatsApp.

O segmento da Educação Infantil possuía alguns diferenciais em comparação aos demais, pensando em um menor tempo de telas das crianças, mas visando a interação com os professores. Assim, pequenos vídeos com histórias, músicas ou algum intercâmbio de saberes eram disponibilizados nos grupos do *WhatsApp* diariamente. A diretoria de Educação Infantil se uniu à Monitoria de Ensino Remoto para pensar e produzir conteúdos que seriam inseridos na Plataforma Escola Presente: eram histórias, brincadeiras, músicas, produzidas e editadas, visando amplo interesse das crianças, como um modo de mantimento do interesse e vínculo com a escola, professoras/es e o currículo.

Por algum tempo, a plataforma e as medidas pensadas pela Superintendência de Ensino foram potencializadoras dessa aprendizagem, entretanto, pareciam ineficazes no alcance da totalidade dos estudantes. Era perceptível que, tanto na Educação Infantil como nos outros segmentos (Ensino Fundamental 1, Ensino Fundamental 2 e a Educação de Jovens e Adultos - EJA), a partir dos discursos docentes durante a elaboração dos materiais, a percepção era de que algumas famílias estavam excluídas desse processo, ou seja, a exclusão digital de muitos cidadãos, em especial, dos mais desfavorecidos economicamente, mas um número difícil de mensurar, incluindo o possível ‘impacto’ nas aprendizagens. Isso devido ao contexto social de grande parte das famílias atendidas pelas escolas do município, sem acesso aos dispositivos digitais e assim aos conteúdos disponibilizados *online* pela Secretaria Municipal de Educação e Juventude (SEDUC).

Diante dessa dificuldade, em garantir o direito à educação da integralidade dos estudantes da rede, a SEDUC, fazendo uso do decreto nº 10.312, firmou contrato com a TV São Francisco, pertencente à Rede Bahia de Televisão, afiliada à Rede Globo. Assim, o canal 7.2 (a TV São Francisco é 7.1) poderia exibir os conteúdos educativos da Secretaria da Educação. A produção e a elaboração da grade de programação do canal ficariam a cargo da Diretoria de TV Aberta e Ensino Remoto (DTVAER) da Secretaria Municipal de Educação e Juventude de Juazeiro, Bahia.

Como destacado no artigo apresentado no XI WECSAB, Educação Infantil na TV? (CAMPANA et al, 2022, p. 3)

O projeto foi elaborado pela Superintendência de Ensino em 2021 e foi implantado no segundo semestre do mesmo ano. A partir de julho de 2021 deu-se início aos preparativos para as gravações de aulas e programas educativos. O canal digital de TV aberta 7.2 (TV Escola Juazeiro - O canal

do saber), entrou no ar no dia 03 de novembro de 2021, o qual visava alcançar aqueles que ainda não conseguiam acesso total à internet.

Para a produção dos conteúdos televisivos, a SEDUC realizou adaptações físicas e estruturais na Escola Municipal de Tempo Integral Paulo VI, a partir de equipamentos preexistentes nessa escola, improvisando dois estúdios: o primeiro para captação com cenário virtual (*chroma key*), o qual já era usado para produção de conteúdo para a Plataforma Escola Presente; e um segundo estúdio com cenografia real, contratando para este uma prestação de serviço terceirizado com pessoal e equipamentos profissionais.

Além disso, formou uma equipe com servidores do município com afinidade com a produção audiovisual, dentre articuladores em educação tecnológica, professores e outros. Por fim, ofertou formação básica aos profissionais da educação envolvidos no projeto por meio de parceria com o Núcleo Audiovisual do Sesc Petrolina.

Toda esta sistemática, considerada inovadora para cada um dos participantes da TV Escola foi sendo construída na prática. Essa experiência, e aqui entendemos experiência (LARROSA, 2002, p.21), como algo “[...] que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” pode trazer reflexões além daquelas destacadas inicialmente. Essa é a construção que trazemos para discutirmos à luz da educomunicação.

3. A PROPOSTA DA TV ESCOLA JUAZEIRO

A TV Escola Juazeiro surge da necessidade em garantir o direito à educação a todos os estudantes da rede municipal de ensino e foi vista como possibilidade ‘potente’ naquele momento, mesmo com todos os desafios. Entendemos que a proposta e construto não se reduzem à uma máquina de reprodução de conteúdos, uma vez que transpõe limites e busca maneiras de expandir a capacidade de aprendizagem e crítica dos estudantes. Assim, corroboramos com Freire (1983, p. 46) ao afirmar que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

É importante ressaltar que a TV nasceu da demanda da comunidade acadêmica de Juazeiro na defesa de uma educação para todos por causa da pandemia e aponta em suas bases a perspectiva e intenção de uma proposição crítica e social para serem discutidas com as comunidades, externas aos muros escolares. Nessa direção, entendia-se a importância de perceber, conhecer, compreender e acompanhar os estudantes, não como consumidores de ideias ou conteúdos, mas como produtores

de um discurso emancipatório e libertador, mesmo distanciados pelo ‘isolamento social’, que foi caracterizado por quase dois anos seguidos, de aulas e atividades remotas, que impactaram (e aqui o destaque é negativo em termos de aprendizagens) na educação de muitas crianças, intensificando problemas não superados. Assim, percebe-se a sensibilidade de emergir no contexto dos alunos

Pensar os processos de comunicação neste sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 297).

Desta forma, pensando na necessidade desse diálogo estreito com escolas e principalmente estudantes, seguimos alguns princípios que nortearam o trabalho na TV Escola, ainda que fosse uma TV aberta, consideramos de fundamental importância:

1. Atendimento aos documentos oficiais norteadores do município de Juazeiro/BA em todos os segmentos;
2. Importância das interações/diálogos;
3. Educação Contextualizada;
4. Experiência para aprendizagem significativa; e
5. Acessibilidade.

A TV seria o meio como essa interação aconteceria para o município, e precisaríamos pensar formatos de aulas, programas e conteúdos educativos que contemplassem esses princípios.

Assim, entendia-se que para uma melhor sistematização, a exibição das aulas aconteceria em dias e horários pré-estabelecidos com a transmissora, de acordo com segmento e ano. Os segmentos em questão eram Educação Infantil, Ensino Fundamental 1 (Anos Iniciais), Ensino Fundamental 2 (Anos Finais) e Educação de Jovens e Adultos. Cada um dividido em etapas (anos correspondentes ao ensino regular da Educação Básica). Desse modo, foram disponibilizadas em média 10 horas diárias de programação em três turnos (das 7h30 às 11h30 - manhã; das 13h às 17h - tarde; e das 19h às 20h30- EJA - noite). Os entre programas, pequenos programas que passavam no intervalo de exibição dos segmentos e se intercalavam na programação semanal. Nos finais de semana, não havia programação pois não havia aulas na escola. a programação como uma extensão da escola.

Abaixo segue a grade da programação da manhã, que se repete pela tarde e noite, apenas com a inserção do EJA pela noite, no lugar da Educação Infantil e Fundamentais 1 e 2.

Figura 1: Grade de Programação da TV Escola

	MANHÃ ● 07:30 ● 13:00 ● 18:00	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
PARADA PEDAGÓGICA (1º ao 9º ano)	07:30 13:00 18:00	Programa Tempo de Quê? Todos os dias				
EDUCAÇÃO INFANTIL	08:30 14:00	Etapas I, II e III - Todos os dias				
	08:45 14:15	Etapas IV e V - Todos os dias				
ANOS INICIAIS	09:00 14:30	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
ANOS FINAIS	10:20 15:50	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	6º ao 9º ano
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	19:30	EJA EaD - Todos os dias				


Fonte: TV Escola Juazeiro - O canal do Saber

Cada aula possuía 21 minutos, com exceção da Educação Infantil, com 30 minutos corridos. As gravações eram, na maioria das vezes, sem cortes ou edições e os professores recebiam da coordenadora pedagógica, data e horário para gravação. No estúdio de gravação, havia um responsável técnico que assistia às aulas ao vivo e orientava as/os professoras/es em alguns pontos como, por exemplo, vícios de linguagem, olhar no foco (câmera), gestos, apresentação, entre tantos pontos importantes numa exposição audiovisual. A intenção deste profissional era cuidar da imagem da/o docente. A Educação Infantil, especificamente, possuía 2 professoras que ministravam aulas ao Infantil I, II e III (1, 2 e 3 anos de idade) e Infantil IV e V (4 e 5 anos de idade). Sobre estes últimos, não sabemos se acertamos ou não, quanto aos programas e tempos de tela, embora fossem reduzidos, porém com a continuidade dos anos letivos e as matrículas dessas crianças nas EMEIS (Escolas Municipais de Educação Infantil), este foi um formato que criou-se para manter vivo o

vínculo escolar, bem como, a manutenção e parceria (embora limitada) entre a escola e as famílias, como principais interlocutores do acompanhamento e educação das crianças.

O Ensino Fundamental 1 (1º ao 5º ANO) eram separados nos dias da semana. Cada componente tinha 21 minutos, como descrito no quadro. Cada aula finalizava com um desafio, que seria respondido pelos estudantes e resolvidos na aula seguinte da disciplina.

Figura 2 - Quadro de componentes curriculares Anos Iniciais




Gravação de Aula da Rede - ANOS INICIAIS

	SEG	TERC	QUAR	QUIN	SEX
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
1	PORT	PORT	PORT	PORT	PORT
2	PORT	PORT	PORT	PORT	PORT
3	CIEN	CIEN	CIEN	CIEN	CIEN
4	HIST	HIST	HIST	HIST	HIST
5	MAT	MAT	MAT	MAT	MAT

	SEG	TERC	QUAR	QUIN	SEX
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
1	PORT	PORT	PORT	PORT	PORT
2	MAT	MAT	MAT	MAT	MAT
3	MAT	MAT	MAT	MAT	MAT
4	ARTE	ARTE	ARTE	ARTE	ARTE
5	ED FIS	ED FIS	ED FIS	ED FIS	ED FIS

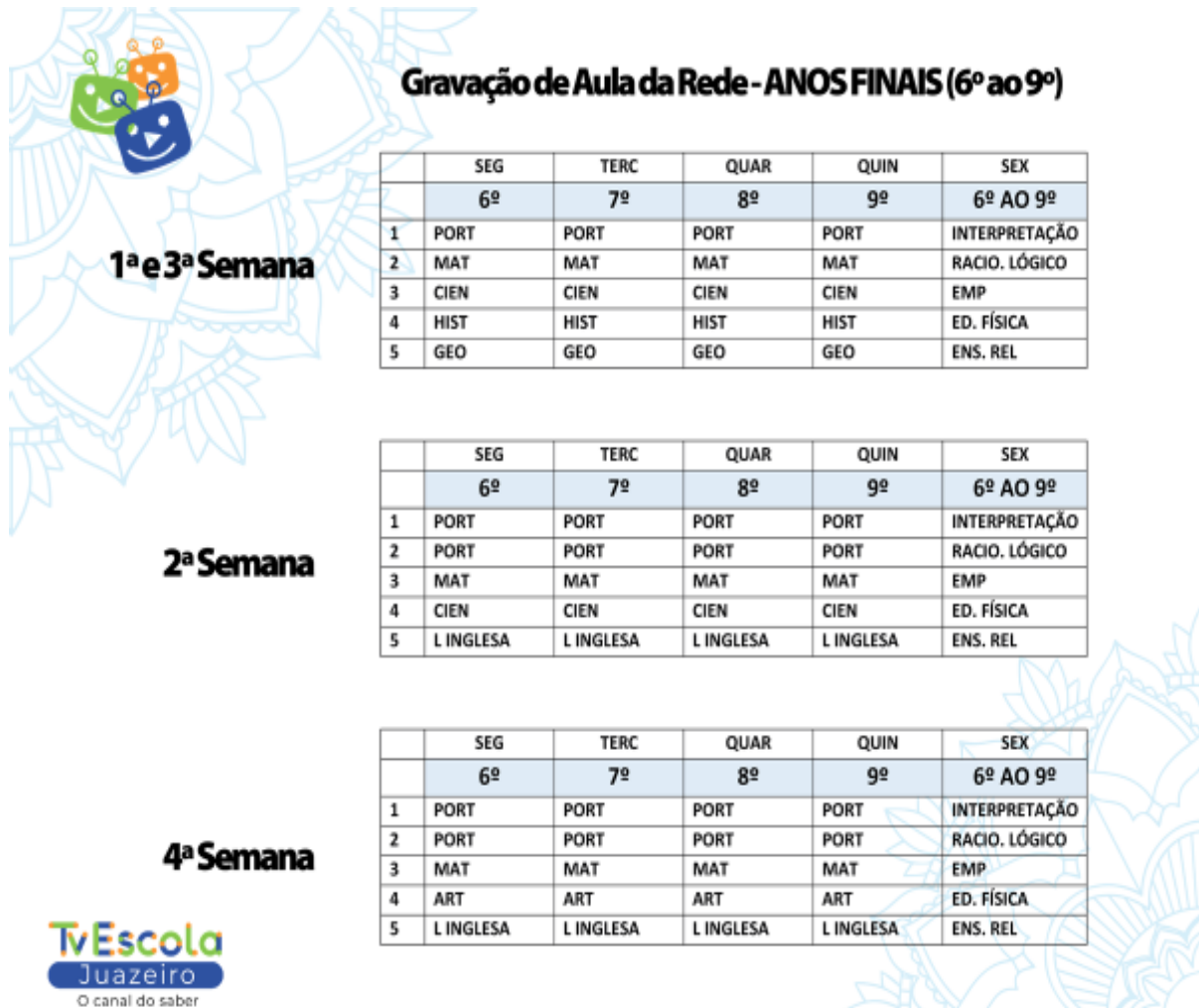
	SEG	TERC	QUAR	QUIN	SEX
	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano
1	PORT	PORT	PORT	PORT	PORT
2	PORT	PORT	PORT	PORT	PORT
3	MAT	MAT	MAT	MAT	MAT
4	GEO	GEO	GEO	GEO	GEO
5	CIEN	CIEN	CIEN	CIEN	CIEN



Fonte: TV Escola Juazeiro - O canal do Saber

Os anos finais seguiam a mesma dinâmica dos anos iniciais, com alguns componentes diferenciados. O tempo de aula era o mesmo e os conteúdos eram direcionados pela Superintendência de Ensino.

Figura 3 - Quadro de componentes curriculares Anos Finais



Fonte: TV Escola Juazeiro - O canal do Saber

O segmento da Educação de Jovens e Adultos apresentavam quatro componentes diários e eram divididos por etapas e dias da semana específicos.

Figura 4 - Quadro de componentes curriculares da Educação de Jovens e Adultos

	SEG	TERC	QUAR	QUIN	SEX
	I	II	III	IV	V
1ª e 3ª Semana	1 PORT	PORT	PORT	PORT	PORT
	2 PORT	PORT	PORT	MAT	MAT
	3 EST SOC E NAT	EST SOC E NAT	EST SOC E NAT	CIEN	CIEN
	4 MAT	MAT	MAT	HIST	HIST
	5			GEO	GEO

	SEG	TERC	QUAR	QUIN	SEX
	I	II	III	IV	V
2ª Semana	1 PORT	PORT	PORT	PORT	PORT
	2 MAT	MAT	MAT	PORT	PORT
	3 MAT	MAT	MAT	L. ING	L. ING
	4 EMP	EMP	EMP	ARTE	ARTE
	5			MAT	MAT

	SEG	TERC	QUAR	QUIN	SEX
	I	II	III	IV	V
4ª Semana	1 PORT	PORT	PORT	PORT	PORT
	2 PORT	PORT	PORT	MAT	MAT
	3 EST SOC E NAT	EST SOC E NAT	EST SOC E NAT	MAT	MAT
	4 MAT	MAT	MAT	CIEN	CIEN
	5			EMP	EMP

Fonte: TV Escola Juazeiro - O canal do Saber

Toda a rede recebia, via grupo de *WhatsApp*, os horários e dias que as aulas e programas iriam ao ar, além das habilidades trabalhadas e desafios realizados ao final de cada aula, exceto da Educação Infantil.

Além das aulas, a programação contava com conteúdo educativo que trazia o contexto da cidade como: visitas a monumentos históricos (Você Sabia?), conteúdos informativos para população e contação de histórias (Tenda das Estórias). Também eram exibidos conteúdos relacionados à acessibilidade (Libras em 1 minuto) e pensando na saúde da população (Se liga na saúde). Com o retorno às aulas, projetos puderam ser realizados nas próprias escolas (Tô na Escola), que trazia práticas exitosas que aconteciam nas escolas da rede municipal. Assim, disponibilizamos um número de celular para que os estudantes ampliassem suas vozes, mesmo que fossem

intermediados pelas/os professores algumas das vezes. A seguir, algumas imagens das telas dos programas.

Figura 5 – Imagem de Entre programas



Fonte: TV Escola Juazeiro - O canal do Saber

Para a criação e efetivação desse processo, a TV escola possuía duas equipes, uma técnica e uma pedagógica, que dialogavam com os professores dos programas com o intuito de trazer para comunidade escolar aulas que potencializassem as aprendizagens discentes. Vale salientar que as aulas traziam os contextos de Juazeiro (BA), por entendermos, assim como Martins (2006, p.37), que “[...] a escola não pode se dar ao luxo de ignorar o chão que pisa” e, desse modo, notamos a importância da educação contextualizada, que como afirma Reis (2011, p.60),

É preciso que o currículo se constitua num campo de insurgências e transgressões epistemológicas, possibilitando a comunicação dos saberes locais com os saberes globais como estratégia de ampliar a concepção de mundo desses sujeitos acerca do contexto em que vivem na tecitura do cotidiano, para que assim possam melhor conhecer o seu mundo a partir das suas próprias e de outras referências, outras realidades, criando novas

maneiras e formas de atuar sobre ele. A escola não pode continuar reproduzindo um currículo sem sentido, que fala mais da Europa, dos Estados Unidos, e não aborda as problemáticas do mundo em que os seus alunos e professores circulam e produzem a vida.

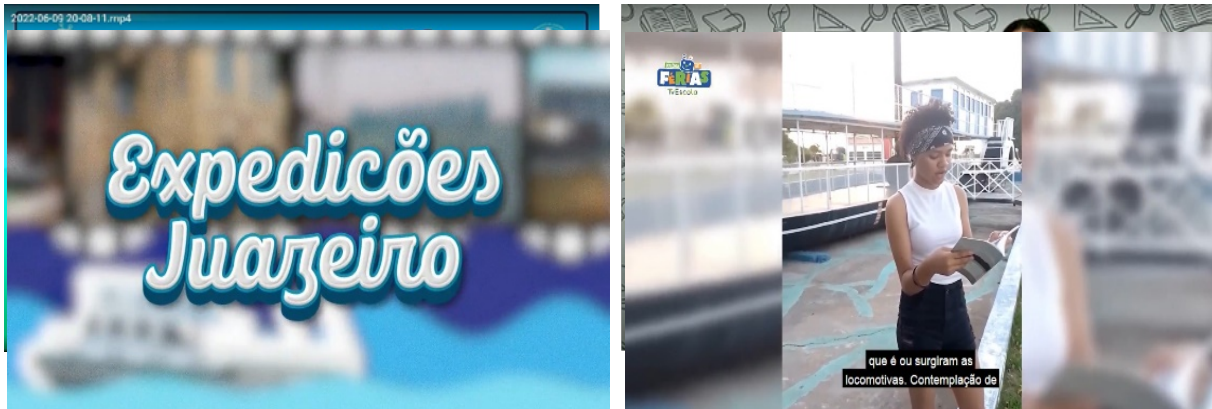
Portanto, antes da exibição na TV, o material escrito, apresentado nas aulas, além do roteiro, passavam pela validação de coordenadores e responsáveis pela feitura dos programas. Nesse momento o ‘validador’ poderia discutir propostas para possibilidade de enriquecimento das aulas. Após a gravação, cada registro era validado novamente, agora no sentido de perceber áudio, dinâmica de câmeras, iluminação, entre outros.

Nesse processo de criação e construção de possibilidades e trocas com as comunidades, entendíamos a inserção em um novo campo, não apenas pelo uso de tecnologias digitais, mas que demandava um repensar ‘com’ os estudantes, que de acordo com Citelli e Costa, (2011, p.7-8),

[...] o conceito de educomunicação traz consigo uma dimensão complexa e que talvez não mais se explique apenas apontando determinados nexos ou interfaces que imantam comunicação e educação. Trata-se de reconhecer, agora, a existência de um campo inter e transdisciplinar, cujos lineamentos deixam de ser dados, apenas, pelos apelos, certamente necessários, de se introduzirem os meios e as novas tecnologias na escola, e se expandem, sobretudo, para um ecossistema comunicativo que passou a ter papel decisivo na vida de todos nós, propondo valores, ajudando a construir modos de ver, perceber, sentir, conhecer, reorientando práticas, configurando padrões de sociabilidade.

A TV Escola sempre esteve aberta para a escuta da comunidade escolar, e com a volta das aulas, pudemos realizar um diálogo com as universidades da região. A partir de reuniões com professores do núcleo de Educação e Comunicação (EDUCOM), do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), as equipes técnica e pedagógica da TV Escola, estabelecendo diálogos e vivências com os estudantes graduandos da licenciatura de Pedagogia e, nessas trocas, um dos grupos de estagiários que, a partir de estágios anteriores e das próprias vivências, compreendeu a importância de um programa com conteúdos específicos e foco na alfabetização e letramento matemático, nascendo o Tempo de Quê?

Figura 6 – Imagens Programa Tempo de Quê



Fonte: TV Escola Juazeiro - O canal do Saber

O programa *Tempo de Quê?* foi gravado pela equipe da TV Escola, mas a idealização, roteirização e apresentação foram realizados pelos estagiários e estagiárias da UNEB. Cheio de ludicidade, o grupo de estudantes trabalhou com materiais concretos e do cotidiano, finalizando em uma degustação do bolo realizado nos programas. Foram 5 programas de 30 minutos cada, definido como sequência semanal.

Com o tempo, a programação da TV Escola Juazeiro foi modificando, principalmente pelos diálogos com a comunidade escolar. E estas mudanças acontecem porque a TV Escola se faz na prática, construída nas experiências de profissionais técnicos, coordenadores e professores da SEDUC.

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar adaptado a ele e sem ter dele consciência. (FREIRE, 2013, p.12)

No processo de compreensão do fazer a TV Escola educacional, os alunos foram estimulados a outros formatos de fazer os programas. Depois de reuniões com a equipe técnica e com os próprios professores, eles roteirizavam e filmavam com seus celulares, finalizando a ideia inicial do programa *Expedições Juazeiro*, mostrando locais e monumentos históricos da cidade.

Além do programa Expedições Juazeiro, a TV estimulava as crianças a mostrarem suas habilidades e enviarem seus vídeos para serem inseridos na grade, dentro do programa seu talento na TV. Com o envio desse conteúdo, as histórias de cada criança era percebida e isso nos fazia entender que o objetivo da TV Escola estava se ampliando. Crianças dentro do espectro autista, por exemplo, se sentiam motivadas ao se expressarem; estudantes produziam seus próprios roteiros e roteirizavam os vídeos dos colegas. Uns filmavam os outros e enviavam com autonomia. Não havia uma escolha, apenas a necessidade da autorização do direito de imagem, assinada pelos responsáveis.

Figura 7: Imagens do Programa Seu Talento na TV.



Fonte: TV Escola Juazeiro - O canal do Saber

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato tem como um dos principais escopos, após as descrições e sistematizações realizadas, compor parte da memória de uma história recente da educação em tempos pandêmicos, com a criação e presença da TV Escola Juazeiro (BA), durante o fechamento das escolas, cujo objetivo era o de alcançar os estudantes que não conseguiam acesso à Plataforma Escola Presente, recurso disponível na Secretaria de Educação do município.

Após o período crítico, o objetivo da TV passou a ser o fortalecimento do acesso à Educação, por meio de conteúdo audiovisual educativo e contextualizado, produzidos por uma

equipe da própria prefeitura; colaborando com a redução do déficit na educação, causado pela pandemia e aumentando do sentimento de pertencimento de toda a comunidade de Juazeiro-BA.

Percebe-se, nos diálogos com professores nas formações, visitas às escolas e recebimento de mensagens pelo *whatsapp* disponível para TV Escola que a implantação da TV Escola Juazeiro fortaleceu o vínculo da comunidade escolar com os atores da Secretaria de Educação. Entende-se ainda, que isso se deva à veiculação de conteúdo, produzido, em sua maioria, de maneira contextualizada, reforçando a identidade local da população.

No processo de construção da programação, percebe-se a importância da atuação dos estudantes e o entendimento do conceito Educomunicação. Este processo também possibilitou a formação e autoformação de muitos profissionais da educação, os quais, em sua maioria, nunca tinham experienciado a produção do audiovisual e a veiculação dos conteúdos das aulas nessa modalidade. Desse modo, é possível afirmar que a TV Escola Juazeiro atuou para além da educação formal, como um meio/instrumento educativo para exercício da cidadania, em especial, quando as possibilidades eram escassas e os meios limitados.

Dessa forma, o entendimento do processo educacional e a relação com a educação contextualizada trouxe para TV Escola uma compreensão de que o estudante deve ser o protagonista da sua aprendizagem, favorecendo assim sua motivação. Além disso, fundamental partir do contexto do aluno como possibilidade deste sentir-se pertencente ao seu local, ao seu contexto de vida, fortalecendo assim sua identidade; além disso, a potencialização do conteúdo educativo a partir da transmissão da televisão. Podemos refletir, neste momento, que construímos uma experiência educacional neste processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDIA, Jose Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência** (tradução: João Wanderley Geraldi). Revista Brasileira de Educação, 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf>. Acesso em: 26/03/2023.

BRASIL. **Decreto nº 10.312**, DE 4 DE ABRIL DE 2020. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União nº 65-D, 04.04.2020, seção 1, Brasília, DF, 2020.

CAMPANA, Adriana; LOPES, Armando, SILVA, Joedson. Educação Infantil Na Tv? In: REIS, Edmerson dos Santos; LIMA, Rafaela da Silva (orgs.). **Anais do XI Workshop Nacional e II Internacional de Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro**,

Juazeiro, BA: Universidade do Estado da Bahia. PPGESA, 2022. Disponível em: < <https://ppgesa.uneb.br/wp-content/uploads/2022/07/ANAIS-XI-Workshop-Nacional-e-II-Internacional-de-Educacao-Contextualizada-para-a-Convivencia-com-o-Semiario-Brasileiro-2022.pdf>> Acesso em: 26/03/2023.

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (org). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013. recurso digital set./dez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o Semiárido brasileiro. In: **Educação para a convivência com o Semiárido Brasileiro**: referenciais teórico-práticas. Juazeiro: Selo editorial RESAB, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, vol XXIII, n. 1, jan-jun. 2000.

REIS, Edmerson dos Santos **Educação do campo**: escola, currículo e contexto./ Edmerson dos Santos Reis. – Juazeiro, BA: Selo ADAC: Selo Editorial Resab, 2011.

TELES, Edilane Carvalho, COSTA, Elissandra. Educomunicação: um campo de mediações na formação docente. In: TELES, Edilane Carvalho. **Pesquisa e projetos em Educomunicação**: formação, contextos e percursos docentes. Curitiba, CRV, 2022.

TELES, Edilane Carvalho; COSTA, Sueller.; CAMPANA, Adriana Maria Santos de Almeida. Compreensões sobre a inserção infância, mídias e tecnologias. **REVASF**. Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, [S. l.], v. 10, n. 22, p. 660–686, 2020. Disponível em: <https://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1255>. Acesso em: 25 jul. 2022.

A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA A PARTIR DA EDUCOMUNICAÇÃO NO COLÉGIO ESTADUAL MISAEI AGUILAR SILVA

Michelle Cristine Laudilio de Souza⁸

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de descrever como a Educomunicação contribuiu com a popularização da ciência no Colégio Estadual Misael Aguilar Silva (CEMAS), a partir de uma pesquisa descritiva, qualitativa e participante. Participaram da pesquisa os ex-estudantes da escola Andressa Carvalho, Anne Carine e Antonio Vinicius. A partir deles o artigo traz a experiência da nossa escola com a Educomunicação e como essa área do conhecimento tem colaborado com a popularização da ciência no CEMAS, tanto no que diz respeito a produção científica quanto a divulgação e intervenção dos resultados no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educomunicação. Escola Pública. Ciência. Educação. Divulgação Científica.

THE POPULARIZATION OF SCIENCE BASED ON EDUCOMMUNICATION AT MISAEI AGUILAR SILVA STATE SCHOOL

ABSTRACT: This article aims to describe how Educommunication contributed to the popularization of science at Colégio Estadual Misael Aguilar Silva (CEMAS), based on a descriptive, qualitative and participatory research. With the popularization of science at Misael Aguilar Silva (CEMAS) state school, based on a descriptive, qualitative and participant research. Former students of the school Andressa Carvalho, Anne Carine and Antonio Vinicius participated in the research. From them, the article brings the experience of our school with Educommunication and how this area of knowledge has collaborated with the popularization of science in CEMAS, both with regard to scientific production and the dissemination and intervention of results in the school environment.

Keywords: Educommunication. Public School. Science. Education. Scientific Divuligation.

LA POPULARIZACIÓN DE LA CIÊNCIA BASADA EN LA ESCUELA ESTATAL MISAEI AGUILAR SILVA

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo describir cómo la Educomunicación contribuyó a la divulgación de la ciencia en el Colégio Estadual Misael Aguilar Silva (CEMAS), a partir de una investigación descriptiva, cualitativa y participante. Los ex alumnos de la escuela Andressa Carvalho, Anne Carine y Antonio Vinicius participaron de la investigación. A partir de ellos, el artículo trae la experiencia de nuestra escuela con la Educomunicación y cómo esta área del saber ha colaborado con la divulgación científica en el CEMAS, tanto en lo que se refiere a la producción científica como a la difusión e intervención de resultados en el ámbito escolar.

Palabras Claves: Educomunicación. Escuela Pública. Ciencia. Educación. Divulgación Científica.

⁸ Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, pelo PPGESA - Programa de Pós-Graduação em Educação no Semiárido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios, pela UNEB; Especialização em Língua Inglesa pelas Faculdades INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada. Graduação em Licenciatura da Língua Inglesa pela Universidade de Pernambuco; Professora efetiva e atual gestora do Colégio Estadual Misael Aguilar Silva, níveis Fundamental e Médio, em Juazeiro(BA). Atua em estudos da Educomunicação.

1. INTRODUÇÃO

A Educomunicação está presente no Colégio Estadual Misael Aguilar Silva (CEMAS) desde 2014 com a criação do Jornal Escolar “Tá por Dentro”, primeiro projeto educ comunicativo da escola. O jornal trazia as atividades culturais e artísticas da escola e a produção dos seus estudantes, a partir do Programa Federal Mais Educação. O jornal era produzido por estudantes, impressos e distribuídos na unidade escolar. Já em 2015, com o recebimento de equipamentos de rádio (microfones, mesa de som, gravador, caixas de som), também do Projeto Mais Educação, foi criada a Rádio “Tá por Dentro”, primeira rádio escolar do CEMAS. Os dois projetos tinham a Educomunicação como base metodológica e teórica. A rádio se potencializou como atividade do Ensino Médio Inovador e possuía vários programas como: “Traça de Livro”, “Tele Pipoca”, “Cemas Informa”, “Bom dia Cemas” e “Boa Tarde Cemas”.

Essas duas experiências abriram um mundo de possibilidades comunicativas dentro da escola. O ato de pesquisar para produzir e de buscar textos com caráter científico para os programas, permitiu a descoberta das 8ª Olimpíadas de Saúde e Meio Ambiente da Fiocruz (OBSMA) e, conseqüentemente, a primeira relação entre Educomunicação e Ciência na escola. As estudantes envolvidas no projeto da Rádio resolveram inscrever uma atividade desenvolvida sobre o Rio São Francisco. Tratava-se de uma reportagem audiovisual que trazia a situação do rio e suas questões ambientais. A relação ciência e Educomunicação na escola resultou no Prêmio Destaque Regional da 8ª OBSMA, que aconteceu no final de 2016, no Rio de Janeiro. Quatro estudantes e 01 professora estavam envolvidas no projeto e representaram não só a Bahia, mas 03 outros estados do Nordeste. Uma das estudantes passou uma semana no Rio de Janeiro, participando de atividades científicas e compartilhando com outros destaques regionais, de outros lugares/regiões do país, suas experiências.

Nesse contexto, o CEMAS é uma escola que tem abraçado a Educomunicação como base para várias de suas atividades e projetos. É referência nesse sentido nas escolas estaduais do território do Sertão do São Francisco e tem fortalecido o papel da ciência como caminho para mudar a realidade dos seus estudantes, a partir da Educomunicação.

Logo, esse artigo tem o objetivo de apresentar como a Educomunicação contribui com a popularização da ciência no Colégio Estadual Misael Aguilar Silva, a partir de uma pesquisa descritiva, qualitativa e participante.

2. EDUCOMUNICAÇÃO: CAMINHOS POSSÍVEIS

O Núcleo de Comunicação e Educação (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), conceitua a Educomunicação como:

O conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES, 2011, p.36).

E ainda, segundo Soares (2011, p.47-48), essas ações podem aparecer em cinco feições, que podem estar associadas ou não, quais sejam:

- a) A educação para a comunicação (para a recepção crítica);
- b) A mediação tecnológica na educação compreendendo os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação;
- c) A expressão comunicativa através das artes que designa todo o esforço de produção cultural, como meio de expressão de pessoas e grupos, e com caráter formativo e estético-expressivo;
- d) A gestão comunicativa voltada para o planejamento, a execução e a avaliação de programas e projetos de intervenção social no espaço de inter-relação entre Comunicação, Cultura e Educação;
- e) A reflexão epistemológica sobre a inter-relação entre Comunicação e Educação, correspondendo ao conjunto dos estudos sobre a natureza do próprio fenômeno constituído por esta inter-relação.

No CEMAS, das cinco feições apresentadas acima, três delas são ações realizadas a partir de seus projetos pedagógicos. A feição “b” com os múltiplos usos da tecnologia para intervir na realidade escolar: rádio, WebTV, jornal escolar; a feição “C”, comunicação através das artes e da produção cultural de conteúdos tanto para a WebTV CEMAS como para concursos culturais, pedagógicos; e, a feição “d”, a partir do uso da ciência como caminho para a gestão comunicativa e as intervenções necessárias para o planejamentos de projetos.

Nessa perspectiva, reconhece-se que a construção do sujeito social não se dá apenas nas quatro paredes da sala de aula, ou a partir dos métodos tradicionais de ensino. Educar é, sobretudo, comunicar-se. E a comunicação se torna efetiva quando todos os membros tem possibilidades iguais de comunicar algo, aprender o que o outro comunicou e assim intervir na sua realidade. E, no

CEMAS, a Educomunicação permite que a educação e a comunicação se inter-relacionem de forma significativa, interdisciplinar e transdisciplinar.

3. PESQUISA E MÉTODO

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Misael Aguiar Silva, localizada no Bairro Dom José Rodrigues, em Juazeiro-Ba. A escola oferta do 6º ano do Ensino Fundamental II ao 3º Ano do Ensino Médio. Atualmente possui 590 estudantes na sede de Juazeiro e mais 110 estudantes distribuídos nos Anexos localizados nos Distritos de Pinhões e Angico (ambos pertencentes ao município de Juazeiro).

Este artigo é um trabalho descritivo, pois “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p.28). E, também é participante, já que o pesquisador faz parte da pesquisa.

A abordagem utilizada é a qualitativa, pois “Tal pesquisa procura introduzir um rigor que não é o da precisão numérica aos fenômenos que não são passíveis de ser estudados quantitativamente [...]” (RAMPAZZO, 2001, p.59).

Participaram dessa pesquisa 03 estudantes: Anne Carine (Cientista Júnior em 2020, 2021 e 2022), Antônio Vinicius (Cientista Júnior em 2022) e Andressa Carvalho (ex-estudante do CEMAS e precursora da Educomunicação na escola). Os três participantes responderam um questionário aberto, através do *google forms*, sobre a experiência deles com a Educomunicação e como essa área do conhecimento contribuiu para a popularização científica na escola e na experiência deles.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p.121).

Os dados foram analisados a partir da Análise do Conteúdo que é considerada “[...] como um conjunto de técnicas de análises de comunicação, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...]” (BARDIN, 1977, p. 42).

4. OBSMA: PRIMEIRO CONTATO EDUCOM X CIÊNCIA NO CEMAS

As Olimpíadas de Saúde e Meio Ambiente da Fiocruz⁹ é um projeto promovido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) que procura incentivar o desejo de aprender, pesquisar e conhecer dos jovens a partir de temas relevantes para a sociedade: saúde e meio ambiente. A olimpíada é bienal e voltada para escolas privadas e públicas de todo o país, do Ensino Fundamental (6º ano ao 9º ano) ao Ensino Médio.

A Obsma busca incentivar a realização de trabalhos ou projetos pedagógicos que visem a melhoria das condições de vida e saúde da população brasileira, assim como a preservação ambiental por meio de ações educativas relacionadas ao desenvolvimento sustentável e uso racional dos recursos naturais. Criada em 2001, a Obsma tem como uma de suas finalidades principais contribuir para que o conhecimento científico esteja cada vez mais próximo do cotidiano escolar e, ao mesmo tempo, que as atividades pedagógicas desenvolvidas por professores e escolas ganhem visibilidade e relevo em nossa sociedade (FIOCRUZ, 2019, p.4)

Os estudantes podem participar em três categorias: Produção de Texto, Projeto de Ciências e Produção Audiovisual. A ideia é que as produções tenham sido realizadas nos últimos dois anos e seja resultado de atividade pedagógica interdisciplinar ocorrido na escola. O alcance é nacional e é dividido em coordenações regionais. Ou seja, de cada região sairá dois participantes em cada categoria (um estudante do ensino fundamental e outro do ensino médio). Assim, dois representantes de cada região são selecionados como Destaque Regional e, dentre eles, é escolhido o Destaque Nacional.

Nesse contexto, a Região Nordeste II¹⁰, nas 8ª edição da OBSMA, que ocorreu em 2016, teve como Destaque Regional¹¹ o documentário “Velho Chico: encontros e desencontros”¹². A produção foi realizada por 03 estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Misael Aguiar Silva, sob a minha orientação.

O Rio São Francisco, inspiração para tantos artistas, é o tema do audiovisual que retrata os impactos ambientais causados pelo homem ao longo do leito do rio.

⁹ <https://olimpiada.fiocruz.br/>

¹⁰ Por ter muitos estados a região é dividida em Nordeste I: Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte; e, em Nordeste II: Alagoas, Bahia e Sergipe

¹¹ https://olimpiada.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/07/caderno_resultados_8aobsma_final.pdf

¹² Assista em: https://www.youtube.com/watch?v=ow_smlsIz5A&list=PLRe5mhKfrEnnuZ21D8mOa2uPSUI8XWVwm

Contido em território nacional, o Velho Chico alcança cinco estados e atravessa 521 municípios. Como o trabalho dos alunos da Escola Misael Aguilar Silva indica, para além de sua beleza e diversidade estonteantes, o rio possui importância econômica central, particularmente para as comunidades ribeirinhas (FIOCRUZ, 2019, p.26)

O documentário, além de ter premiado as estudantes e ter dado a uma delas a oportunidade de conhecer o Rio de Janeiro, a Fiocruz e respirar ciência a partir da experiência dos demais Destaques Regionais, foi a primeira prática que se concretizou a colaboração da Educomunicação como meio para popularização da ciência na nossa escola. Andressa Carvalho (2023) ressaltou:

Foi a melhor que já tive porque além de ter sido um privilégio estar entre os destaques regionais e estar representando minha região, foi neste momento em que eu percebi que a educação é libertadora e através dos meus estudos eu poderia alcançar os meus sonhos. Através de minhas pesquisas e projetos desenvolvidos eu poderia contribuir para o mundo e a sociedade e começar a solidificar uma carreira como educadora ou pesquisadora.

A temática do Rio São Francisco foi levantada e apresentada a comunidade escolar a partir de um documentário, visto pelas estudantes, como melhor caminho para apresentar de forma simples, porém significativa, as problemáticas identificadas pela pesquisa. O rio que ao mesmo tempo é centro econômico e imprescindível para o Vale do São Francisco não estava sendo preservado.

[...] O ser humano transforma a realidade do qual participa e, ao mesmo tempo, transforma a si mesmo, descobre formas de atuação e produz conhecimento sobre elas, inventa meios e produz conhecimento sobre tal processo, no qual está implicado (LIMA JÚNIOR, 2007, p.3).

As descobertas de Andressa e o conhecimento adquirido fez ela perceber que os estudantes da escola precisavam ser alertados sobre a situação ambiental do rio. Isso é resultado das inúmeras possibilidades que a Educomunicação abre quando inserida no ambiente escolar.

Através do jornal e da rádio, desenvolvi melhor meu senso crítico além de ter aprendido bastante já que é algo necessário para ser uma comunicadora na escola. Hoje em dia curso engenharia da computação, mas a educomunicação me deu uma bagagem muito grande que contribuiu bastante para eu estar aqui. Tanto pela influência na redação do Enem, quanto hoje em dia ao fazer pesquisas e escrever, eu sempre uso conceitos e ideias que aprendi durante meu contato com a rádio e jornal da escola (ANDRESSA, 2023).

A trajetória da ex-estudante do CEMAS e a premiação de Destaque Regional mostra que na nossa escola, a Educomunicação tem obtido resultados que se espera dessa área do conhecimento. “A educação é libertadora”, quando Andressa faz essa importante menção ela nos faz acreditar que as expectativas que são criadas com a Educomunicação estão sendo atendidas e mudando realidades. A ideia interdisciplinar que se espera e se almeja, o senso crítico, o poder de criação, produção e a liberdade para os estudantes criarem, inventarem e comunicarem.

E, sobre a popularização da ciência a partir da Educomunicação Andressa (2023) é categórica:

Colabora sim, com a popularização da ciência, já que muitas vezes os alunos só tomam conhecimento dos projetos que podem ser desenvolvidos na escola através de muita divulgação utilizando principalmente as mídias sociais já que atualmente é onde os jovens estão mais inseridos. Além disso dá o aluno a possibilidade de informar, comunicar, estudar e mostrar o produto dos seus estudos aos outros. É uma ótima forma de incentivar tanto a educomunicação quanto à participação dos alunos nesse tipo de projeto ou em qualquer projeto de qualquer área.

Ou seja, não importa qual o projeto ou qual a tecnologia utilizada, a Educomunicação favorece na ampliação dos diálogos sociais e educativos. E, colabora com a formação cidadã, comunicativa e com a participação social.

5. CIENTISTA JÚNIOR E EDUCOMUNICAÇÃO: NOVOS ENCONTROS COM A CIÊNCIA

Desde de 2020 o Colégio Estadual Misael Aguilár Silva em parceria com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) estuda a relação da COVID-19 no ambiente escolar, a partir da produção de vídeos educativos inseridos na TV CEMAS¹³, no youtube, no programa “Se liga na Covid!”. A partir do projeto entre universidade e escola “Multiciência e Cemas juntos contra Covid-19”, aplicávamos questionários e produzíamos cards, vídeos e manuais para as redes sociais do CEMAS

¹³ Primeira WEBTV Educomunicativa das escolas estaduais da Bahia, no Território do Sertão do São Francisco. A TV foi criada após a suspensão das aulas em Março de 2020, devido a pandemia da Covid-19 e deu ao CEMAS o título de Escola Referência 2020, em Juazeiro e mais 10 municípios. Acesse: https://www.youtube.com/watch?v=7984L-kNgYE&list=PLRe5mhKfrEnnHFsqw_nbDz62ILPM3m7mL

e do Multiciência (projeto de extensão da UNEB). A ideia era produzir conhecimento com base científica de linguagem acessível para os estudantes e seus familiares.

Em decorrência dessa parceria, a estudante Anne Carine Costa de Carvalho e, logo depois, o estudante Antônio Vinícius Feitosa dos Santos, participaram de uma seleção e se tornaram IC Júnior com bolsa CNPq, sob a orientação da professora doutora Andrea Cristiana (UNEB) e minha colaboração, como representante do CEMAS.

Os estudantes passaram a pesquisar sobre a Covid-19 e também sobre como a comunidade, principalmente escolar, se comportava com a situação da pandemia no mundo. A primeira pesquisa realizada foi analisar os blogs da região, sobre o que eles falavam, como e o que compartilhavam sobre a doença, sua prevenção, a vacina e, principalmente, informações sobre a comunidade escolar.

O nome da pesquisa era “Mídia, Educação e Saúde em Tempo de Covid-19: análise da cobertura dos blogs de Juazeiro-Ba e Petrolina-Pe”. Na época, ainda era Cientista Júnior apenas Anne Carine e foram analisadas 40 notícias que circularam nos meses de janeiro, fevereiro, maio e junho, pelo critério de amostragem. Uma semana no mês, coletava notícias, priorizando a seguinte ordem: título da notícia, síntese da notícia, identificação da fonte que produziu a notícia e o link que dava acesso ao conteúdo noticioso. E, como resultado foi identificado que apesar dos blogs noticiarem sobre as vacinas e a cobertura atualizada da pandemia na região, apenas três das 40 notícias tinham fontes de instituições de pesquisa e percebeu-se também a ausência de informações a respeito da comunidade escolar e os impactos que a pandemia provocou à escola. As pesquisas foram apresentadas na Mostra de Extensão da UNEB e na XXV Jornada de Iniciação Científica da UNEB: educação e ciência pela vida.

Dessa forma, a fim de intervir na ausência de notícias sobre o impacto na comunidade, Anne passou a produzir materiais voltados para o CEMAS, com linguagem clara e acessível. Ela utilizava ferramentas tecnológicas como *Photoshop* para produzir *cards* e manuais; e, *Sony Vegas* para a produção de vídeos. Um dos produtos criados para atender a comunidade escolar foi o vídeo “Adolescer na pandemia¹⁴”, que inclusive foi premiado no “Concurso de Vídeos Educativos Saúde na Escola” no Território Sertão do São Francisco (das escolas estaduais de Juazeiro-Ba). A animação falava sobre a saúde mental de estudantes no contexto pandêmico.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tdAWSJaCtxI>

Não se trata, pois de educar usando o instrumento da comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo (SOARES, 2011, p.23).

A estudante sempre foi habilidosa com as ferramentas tecnológicas e tem uma trajetória educacional que se iniciou antes de ser estudante do CEMAS. Anne é irmã de Andressa Carvalho, Destaque Regional apresentada nesse artigo, e quando estava no 5º ano do Fundamental I já colaborava com a Rádio Escolar do Misael Aguilar. As vozes e a criação das vinhetas eram criadas por ela e Andressa. E nesse processo de criação Anne foi aprendendo com a irmã sobre edição de vídeos, de áudio, produção de scripts e programas de rádio. No 6º ano, quando passou a estudar na nossa escola, Anne passou a participar mais ativamente dos nossos projetos educacionais e sempre transformava trabalhos, ideias, em produções com base na Educomunicação.

Eu sempre penso, como posso produzir algo que eu comunique melhor a minha descoberta ou meu conhecimento de forma que atraia meus amigos? Se eu faço uma pesquisa, quero mostrar em vídeo. Se tem o festival da escola, quero participar produzindo audiovisual. Se quero falar de um tema, quero transformar a discussão em vídeo”.

Anne sempre faz da Educomunicação um caminho para dialogar com as diversas áreas do conhecimento. Ela sempre pensa em produções educacionais para intervir em contextos que precisam de transformação, ou ainda, para comunicar, explorar e promover reflexões. E, em consequência da sua atuação, aliada a seu contato com a pesquisa científica como Cientista Júnior, foi premiada em segundo lugar na Categoria Performance Científica – Artes Visuais, na FECIBA¹⁵ 2022, com o vídeo “Tô de rango: retrato da alimentação escolar¹⁶”.

No vídeo apresentamos os índices da fome no Brasil, como estavam os brasileiros que estavam passando pela necessidade alimentar e como as escolas tem sido peças fundamentais para o combate a fome dos seus estudantes. Tínhamos como objetivo verificar como a alimentação básica influencia diretamente no desenvolvimento tanto físico, como intelectual na vida desses estudantes e como a escola pode ser importante no combate a fome sofrida pelos seus estudantes, além de como elas poderiam ajudar esses alunos para que crianças e jovens atendidas pela instituição não fossem prejudicadas no seu desenvolvimento (ANNE, 2023).

¹⁵ Feira de Ciências e Matemática da Bahia, acontece anualmente nas escolas estaduais da Bahia.

¹⁶ https://www.youtube.com/watch?v=W_xWE7sA0wE

Além disso, Anne e também o estudante Antonio Vinicius, foram selecionados para apresentarem na FECIBA, também em 2022, o projeto de pesquisa que realizaram na escola sobre os índices de vacinação da Covid-19.

Quando um dos requisitos para a matrícula de estudantes na rede estadual da Bahia era apresentar o comprovante vacinal contra a Covid-19, muitos pais se apresentaram contrários. Que não vacinariam suas crianças, pois tinham recebido informações de que a vacina estava matando crianças. E, após muita pressão, o estado voltou atrás e de exigência virou recomendação. Então, muitos estudantes não se vacinaram ou não tomaram a segunda dose. Foi aí que pensamos em aplicar questionários para saber quais os índices de vacinação da nossa escola, após a retirada da obrigatoriedade para acesso à escola (VINICIUS, 2023)

É possível perceber que os estudantes, a partir do contato enquanto IC Júnior passaram a utilizarem a ciência como caminho para intervir na realidade deles. Os resultados foram apresentados na Feira de Ciências da Escola (2022) e também em Lauro de Freitas (BA), na FECIBA. A pesquisa foi transformada também em vídeo e foi apresentado na XXVI Jornada de Iniciação Científica da UNEB, em Salvador-Ba. Na ocasião, Anne se apresentava como bolsista premiada de 2020-2021.

Os jovens participantes desses projetos apontam o desejo de encontrar nas possibilidades de produção da cultura, através do uso dos recursos da comunicação e da informação, os sonhos cotidianos e a transformação da realidade local e ampliam seu interesse em participar da construção de uma sociedade mais justa, confirmando sua vocação pela opção democrática de vida em sociedade. Tudo isso porque a participação os levou a maior conhecimento e a maior interesse pela comunidade local, inspirando ações coletivas de caráter educacional (SOARES, 2011, p.31).

Nesse contexto, nossa experiência com a Educomunicação demonstra como essa área de conhecimento contribui de forma interdisciplinar, transdisciplinar e libertadora no ambiente escolar. Acreditar no potencial da Educomunicação é acreditar no poder que a comunicação e a educação podem fazer juntas e, por isso, afirmamos o potencial que essa área tem e o quanto contribuiu e contribuí para a popularização da ciência em nossa escola.

6. EU? CIENTISTA JUNIOR, EM PLENA PANDEMIA DO COVID-19: PRODUÇÃO TEXTUAL INSCRITA NA 11ª DA OBSMA

Trata-se de uma produção textual em que Anne Carine escreveu uma carta para uma amiga durante a pandemia da Covid-19. Apesar de não ter sido selecionada como Destaque Regional na

11ª Edição da OBSMA, a carta traz a perspectiva de Anne sobre a pandemia, ensino remoto e sua iniciação como jovem cientista. Mais um produto que mostra como a Educomunicação contribui com a popularização da ciência na escola. Abaixo, a carta na íntegra.

Iaê Bianca, como você está?

Nessa pandemia a gente se afastou, né? Depois que você foi embora para o interior eu fiquei sem ter como trocar ideia contigo, já que aí não tem internet. Mas, resolvi voltar aos antigos hábitos e escrever essa carta. O acesso a internet é bem difícil no interior, né? Não sei como você está conseguindo estudar por aí! A falta de acesso é um obstáculo enorme para todos e fiquei bastante preocupada! Você sempre foi estudiosa e esse tipo de situação é algo que implica bastante e traz muitos prejuízos na nossa aprendizagem. Já passamos o ano de 2020 inteiro sem ter aula e, agora, as aulas retornaram remotas. Quem não tem internet continua sendo prejudicado. Vejo um Brasil cada dia mais desigual. O pobre não tem um dia de paz!

Aqui no colégio CEMAS, aplicaram um questionário para saber quem faria as aulas online. Apenas 238 alunos se inscreveram nas aulas remotas e a maioria ainda tem muita dificuldade. No início, tinha estudante que não sabia nem acessar o e-mail, imagina entrar nas salas de aula do classroom. Foi praticamente uma unidade inteira os professores ensinando o que muitos deles nem sabiam. Sem contar os problemas de conexão: a net vive caindo, os dados móveis acabam, o sinal do vizinho não funciona, outros tem que dividir o celular da mãe com os irmãos. E o barulho dentro de casa?! Nossos professores estão doidinhos. Dia desses, acredita que uma mãe chamou o filho para comprar pão na hora da aula? Foi muito engraçado!

Eu soube que você estava na lista dos alunos sem acesso à internet e que pegaria o material de estudo, que eles chamam de Caderno de Apoio a Aprendizagem. Você sabia que são 260 alunos nessa condição? É realmente uma ferramenta boa para estudar? Deve ser complicado depois de um ano sem estudar e agora ter que fazer isso sozinha, sem a supervisão de um professor. Imagina ter que responder uma atividade de um assunto que você nunca estudou... E aprender matemática? Até para pesquisar é difícil, já que não tem acesso à internet. Cátia me disse que você andava 30 minutos até o centro da cidade para pegar os materiais. Lamento tanto por você!

A escola aplicou um questionário socioeconômico recentemente e dos 226 alunos que responderam, 63,3% apontaram que deixar de frequentar a escola foi o impacto mais negativo da

pandemia. E, 90,7% acreditam que mesmo com a reposição de aulas em 2021, com o aumento das unidades letivas e da carga horária anual, 2020 foi um ano perdido e impossível de recuperar. Eles disseram que não conseguiam estudar em casa, 46,5% de nossos colegas de escola. Para mim as aulas online funcionam, pois sempre tive acesso às tecnologias, porém os recursos não estão disponíveis para todos e, às vezes, nem mesmo o professor sabe abrir uma câmera. A escola identificou que 96,5% dos estudantes tinham algum acesso à internet, entretanto, muitos não possuíam celular próprio. Sem contar né, que estudar pelo celular não é a mesma coisa que usar um computador. Na pesquisa, 83,2% não possuem computador em casa. Isso é bem desestimulante! Na minha turma, por exemplo, a média é entre oito e nove alunos assistindo aula por dia. Um dia um está, no outro já não está.

E, para piorar, aqui em casa as coisas complicaram um pouco no início do ano. Minha mãe não conseguia achar um emprego e meu pai estava doente. Muitos gastos com remédios e exames. Às vezes faltava algo e não tinha como comprar. Tivemos que vender a nossa roça. Só estabilizamos quando minha irmã conseguiu emprego. Ela passou a sustentar toda a casa. Ah, também recebemos um Vale Alimentação da escola. Você teve direito? Era apenas R\$ 55,00, todavia ajudou bastante. E deve ter ajudado muitas famílias, pois o questionário da escola informou que 15,5% estava tendo insegurança alimentar na pandemia e 19,9% tinha dias que se alimentavam bem, mas outros dias não. E, 95,1% falaram que o vale estudantil colaborou com alimentação em casa. Triste, né? A pandemia acabou levando o emprego de 26,5% dos responsáveis dos estudantes da nossa escola. E, os que continuaram trabalhando, 51,3% deles, vivem com menos de um salário e, 31,9% com apenas um salário mínimo. E nós bem sabemos que a média de pessoas das famílias dos nossos amigos é entre 4 e 6 pessoas em uma mesma casa.

E como estão os números da Covid-19 em sua cidade? Aqui só cresce. No questionário da escola foi identificado que 31% dos estudantes teve alguém próximo com Covid-19, 5,8% alguém dentro de casa e 9,7% perdeu alguém. Achei legal o questionário socioeconômico que respondemos. Não foram todos que participaram, no entanto, já nos dá uma ideia de como anda a nossa escola nesse momento tão caótico.

Nessa pandemia a pior coisa para mim é se trancar em casa e, quando sair, sentir muito medo. Algumas vezes é tão tediante que me vejo contando os talheres de casa para passar o tempo.

Sinto tanta falta de sair com meus amigos e de nos divertirmos sem medo algum. Durante um ano fiquei sem contato com ninguém. A gente se isolou em casa e quando saía sempre tinha aquele receio, nunca podia esquecer a máscara. Como foi chato acostumar usar isso no rosto! Fiquei tão triste em saber que muitos infelizmente morreram por causa desse vírus, e que a ciência está sendo posta em xeque pelo negativismo das pessoas. Até nosso presidente colabora e reforça com esse negativismo, além de deslegitimar a ciência e contribuir com o fortalecimento das fake news. Até as vacinas são postas em dúvida, logo em nosso país que já nascemos tomando vacina.

E, por falar em ciências, tenho uma grande novidade! Lembra que na última carta falei da TV CEMAS? Que a escola tinha criado uma TV educacional? Pois sé, indiquei livros para a galera ler durante a quarentena e produzi animações. E, o melhor de tudo, é que fui convidada para participar de um projeto de ciências com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E advinha o que eu sou agora? Cientista Júnior, com bolsa do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq). Junto com a professora Andrea Cristiana (representante UNEB) e Michelle Laudilio (representante Colégio Estadual Misael Aguilar Silva -CEMAS) eu pesquiso e estudo sobre a COVID-19 e também sobre como a comunidade, principalmente escolar, se comporta com a situação da pandemia no mundo.

A primeira pesquisa realizada foi analisar os blogs daqui da região, sobre o que eles falavam, como e o quê compartilhavam sobre a doença, sua prevenção, a vacina e principalmente informações sobre a comunidade escolar. O nome da pesquisa era “Mídia, Educação e Saúde em Tempo de Covid-19: análise da cobertura dos blogs de Juazeiro-Ba e Petrolina-Pe. Analisamos 40 notícias que circularam nos meses de janeiro, fevereiro, maio e junho, pelo critério de amostragem. Nós selecionávamos uma semana no mês para coletar os dados, priorizando a seguinte ordem: título da notícia, síntese da notícia, identificação da fonte que produziu a notícia e o link que dava acesso ao conteúdo noticioso. E sabe o que descobrimos? Que apesar de circularem nos blogs notícias sobre as vacinas e a cobertura atualizada da pandemia na região, apenas três das 40 notícias tinham fontes de instituições de pesquisa e percebemos também a ausência de informações a respeito da comunidade escolar e os impactos que a pandemia provocou à escola.

Eu tenho me divertido e aprendido muito com o projeto! Estudar e ler sobre o vírus e depois fazer intervenções transformando esse conteúdo em cards, vídeos, slides, manuais para meus

amigos, para os responsáveis e para a minha escola tem sido satisfatório, porque além de ajudar e informar outros estudantes, posso usar minhas habilidades nos aplicativos Photoshop e Sony Vegas. Eu já sabia o que era ser um cientista, estudar para poder comprovar uma ideia e sempre correr atrás de melhoras para a vida e para o mundo, no entanto, fazer parte mesmo que um pouquinho disso tudo, me deixa muito feliz. E olha que até um dia desse eu nem sabia o que era Currículo Lattes, kkkkk!

A experiência tem sido muito rica! Participei de dois eventos científicos. Um, era a Mostra de Extensão da UNEB. E, a outra, a XXV Jornada de Iniciação Científica da UNEB: educação e ciência pela vida. Achei bacana estar entre os universitários apresentando o nosso projeto. Já me vejo na universidade! Ah, também ganhei o primeiro lugar no “Concurso de Vídeos Educativos Saúde na Escola” no Território Sertão do São Francisco (das escolas estudais de Juazeiro-Ba). Produzi uma animação chamada “Adolescer na Pandemia”, que falava sobre a saúde mental de estudantes nesse contexto pandêmico. Bastante legal, né?

Agora em uma nova etapa do projeto, decidimos aplicar um formulário para os estudantes de todas as salas responderem e, a partir disso, criar nosso próprio banco de dados sobre a vacinação no nosso colégio. Produzimos o formulário, aplicamos e falta apenas analisar os dados. Quem sabe na próxima carta já tenho os resultados para apresentar para você...

É isso Bianca, muita saudade! Espero que esteja bem e se cuidando! Não vejo a hora da normalidade voltar! Não vejo a hora de abraçar meus amigos! E não vejo a hora de você responder a minha carta com muitas novidades!

Um grande abraço, Anne Carine!

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2015 quando a Educomunicação passou a fazer parte da nossa escola tem contribuído para fortalecer os projetos pedagógicos, em sala de aula e extraclasse. E a cada projeto que tem essa área envolvida, desperta-se para outros projetos com o objetivo de ampliação, transformação.

Acreditamos na Educomunicação e o seu potencial de colaboração com as diversas áreas do conhecimento e com a ciência não poderia ter sido diferente. Ela contribui com a popularização não só para os que produzem ciências na escola como Anne, Antonio Vinicius, mas também na

divulgação dos resultados, na ressignificação das palavras e da pesquisa em audiovisual, cards, manuais. A pesquisa científica chegava também para os estudantes de 6º ano, para os funcionários, para os professores, para os pais/mães, chegava nas redes sociais.

A TV CEMAS, por exemplo, conectou, em meio a pandemia da Covid-19, nossos estudantes com a escola e apresentava a partir do “Se liga na Covid”, vídeos, com base científica, sobre prevenção, vacinação, saúde mental. Várias instituições acompanhavam nossas produções e o projeto nos deu o título de escola referência com o “Prêmio Anísio Teixeira de Gestão Escolar 2020”.

Assim, esse artigo permite os leitores perceberem que Educomunicação é a nossa aliada em promover educação democrática e de qualidade para os nossos estudantes, fortalecendo a presença da ciência e sua popularização na nossa escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Pinheiro & Augusto Pinheiro. Portugal: Edições 70, 2014.

FIOCRUZ. **Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente da Fiocruz**: Trabalhos em destaque da 8a. edição/ Fundação Oswaldo Cruz; Coodenação: Vice Presidência de Ensino, Comunicação e Informação; Conceito e Pesquisa; Cristina Araripe Ferreira e Thatiana Victoria Machado. – Rio de Janeiro: Fiocruz – COC, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA JR., Arnaud Soares de. As Interpretações da Tecnologia na Contemporaneidade: por uma tectogênese dos processos tecnológicos. In: LINS, Claudia Máisa Antunes. Algumas anotações-reflexões sobre educação contextualizada a partir da experiência da feitura dos livros “conhecendo o semiárido 1 e 2”. In: **Educação Contextualizada**: fundamentos e práticas. Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido, Selo Editorial-RESAB, 2011, p.65 a 91.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**. São Paulo: Stiliano, 2001

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação - contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

EDUCOMUNICAÇÃO E UNIVERSIDADE ABERTA à TERCEIRA IDADE: CONSTRUINDO CONHECIMENTO NA TROCA DE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

Francisco Silva¹⁷

Resumo: As contribuições que o campo da educomunicação pode oferecer nos mais diversos ecossistemas comunicativos, sejam eles abertos ou fechados, são de grande relevância para a construção de conhecimentos de forma democrática e cidadã. Assim, este artigo mostra as contribuições deixadas pelo projeto de extensão Acervo Dom José Rodrigues e UATI: Reviver, desenvolvido no Departamento de Ciências Humanas em Juazeiro da Bahia. Objetivou-se descrever o processo envolvendo o projeto de extensão com a participação dos alunos do curso de Pedagogia e das alunas da Universidade Aberta à Terceira Idade. Os desdobramentos das ações realizadas nesse processo geraram novas possibilidades de construir conhecimentos pessoais e sociais, que refletiram na vida dos jovens alunos de Pedagogia e dos idosos da UATI, em uma troca constante de experiências e vivências.

Palavras-chave: Educomunicação. Educação. Conhecimento. Idoso. Extensão.

EDUCOMMUNICATION AND OPEN UNIVERSITY FOR THE ELDERLY: BUILDING KNOWLEDGE IN THE EXCHANGE OF EXPERIENCES

Abstract: The contributions that the field of educommunication can offer in the most diverse communicative ecosystems, whether open or closed, are of great relevance for the construction of knowledge in a democratic and citizen way. Thus, this article shows the contributions left by the extension project Acervo Dom José Rodrigues and UATI: Reviver, developed at the Department of Human Sciences in Juazeiro of Bahia. The objective was to describe the process involving the extension project with the participation of students from the Pedagogy course and students from the Open University for the Elderly. The unfolding of actions carried out in this process generated new possibilities for building personal and social knowledge, which reflected in the lives of young Pedagogy students and seniors at UATI, in a constant exchange of experiences.

Keywords: Educommunication. Education. Knowledge. Elderly. Extension.

EDUCOMUNICAION Y UNIVERSIDAD ABIERTA PARA MAYORES: CONSTRUYENDO CONOCIMIENTO EN EL INTERCAMBIO DE EXPERIENCIAS Y VIVENCIAS

¹⁷ Doutorado em Ciências da Comunicação pela USP. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (1999); Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (2012); Especialização em Educação de Jovens e Adultos (2000) e Pedagogia (1999) pela Universidade do Estado da Bahia. Professor assistente da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência nas áreas de currículo educacional, educação contextualizada, educação ambiental, gestão escolar e educação no semiárido, educação de jovens e adultos e Educomunicação.

Resumen: Los aportes que el campo de la educomunicación puede ofrecer en los más diversos ecosistemas comunicativos, ya sean abiertos o cerrados, son de gran relevancia para la construcción del conocimiento de manera democrática y ciudadana. Así, este artículo muestra las contribuciones dejadas por el proyecto de extensión Acervo Dom José Rodrigues y UATI: Reviver, desarrollado en el Departamento de Ciencias Humanas de Juazeiro da Bahia. El objetivo fue describir el proceso que envolvió el proyecto de extensión con la participación de estudiantes de la carrera de Pedagogía y estudiantes de la Universidad Abierta para la Tercera Edad. El desenvolvimiento de las acciones realizadas en este proceso generó nuevas posibilidades de construcción de conocimientos personales y sociales, que se reflejaron en la vida de los jóvenes y adultos mayores de Pedagogía de la UATI, en un constante intercambio de experiencias.

Palabras clave: Educomunicación. Educación. Conocimiento. Anciano. Extensión.

1. INTRODUÇÃO

A educomunicação teve o seu termo cunhado a partir de um estudo coordenado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), que realizou uma pesquisa, entre os anos de 1997 e 1999 e identificou, segundo o professor Ismar Soares (2011, p.10), “uma prática mais abrangente no seio da sociedade civil, que tomava a comunicação com um eixo transversal das atividades de transformação social”. A partir da constatação do conjunto dessas ações o NCE/USP ressemantizou, em 1999, o termo como:

Um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude (SOARES, 2011, p. 15).

O surgimento desse campo possibilita o desenvolvimento de ações em diversos espaços, que podem ser escolares e não escolares, nos quais existem pessoas com interesses próximos e dispostos a democraticamente participarem de experiências nas quais podem ser protagonistas de todo o processo.

Entre os diversos ambientes ressaltamos um importante espaço que se configura pela importância na promoção de uma política afirmativa, que é a Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI. Na UNEB a UATI está vinculada a Pró-Reitoria de Extensão, que possui o Núcleo Universidade Aberta à Terceira Idade, que:

Tem o propósito de, sob a ótica da Pedagogia Social, estimular a reflexão sobre as diversas concepções de velhice no cenário da contemporaneidade, através da educação continuada não formal, atendendo a pessoas de qualquer nível sócio educacional, cuja faixa etária seja igual ou superior a 60 anos, objetivando a reinserção psicossocial para o pleno exercício da cidadania e desenvolvendo ações educativas de caráter permanente (UNEB, 2023).

No campus III da UNEB, em Juazeiro da Bahia, o funcionamento da UATI está consolidado, inclusive contando com espaço físico exclusivo no qual são desenvolvidas grande parte das atividades. Os inícios das atividades do programa em Juazeiro datam de abril de 2009, a partir de quando vários idosos de 60 anos ou mais, do vale do São Francisco, puderam ter acesso a política implementada pela Universidade do Estado da Bahia.

O fato do campo da educomunicação ter as suas atividades pautadas na pedagogia de projetos, facilitou uma inter-relação entre o programa Universidade Aberta à Terceira Idade e a possibilidade de desenvolver um projeto de extensão, que envolve nas ações para o seu desenvolvimento a participação de alunos estudantes e monitores de projetos de extensão.

O curso de Pedagogia do Departamento de Ciências Humanas III, da UNEB, em Juazeiro da Bahia, possui em seu currículo um núcleo de educação e comunicação, que estabelece na sua proposta de ações, o desenvolvimento de projetos de extensão ajudando no que é chamado de curricularização da extensão. Esse fato, possibilita mais uma opção de envolvimento dos alunos de Pedagogia nas atividades do programa Universidade Aberta à Terceira Idade.

Os Núcleos de Aprofundamento epistemologicamente representam a dialógica presente nos elementos essenciais do currículo dos cursos de graduação, logo que interligam as relações entre os estudos teóricos, a pesquisa e a extensão; sendo um lugar onde a liberdade teórica e a prática se concretizam, pois efetivamente congrega estudos, pesquisa e atividades de extensão diversas sobre a diretriz principal do núcleo, no caso deste curso tópicos gerais e transversais da educação, a saber: Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Educação e Comunicação, Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. (UNEB, 2020, p. 110)

Um outro elemento comunicacional que aparece nesse processo é o Acervo Bibliográfico Dom José Rodrigues, que se tornou um instrumento bibliográfico para fornece materiais para o enriquecimento dos temas debatidos, dando a condição de um aprofundamento teórico, que

possibilita romper com a superficialidade dos assuntos colocados na pauta das rodas de conversas promovidas pelo projeto.

A conjunção entre o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, o Programas de Projetos de Extensão, a proposta Núcleo de Educação e Comunicação e o Acervo Dom José Rodrigues, criaram as condições favoráveis para realização de uma ação educacional, favorecendo a construção de conhecimentos com a partilha de diversas vivências e experiências.

2. A EDUCOMUNICAÇÃO COMO UM CAMPO DE POSSIBILIDADES

O campo da educomunicação tem muitas fontes teóricas que alicerçam o seu conceito, que passam pelo próprio conceito ressemantizado pelo NCE/USP, em 1999, apresentado pelo professor Irmair de Oliveira Soares, em seu livro *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*; trazendo uma fundamentação que esclarece as pretensões desse campo de estudo e interações na interface educação e comunicação.

Partimos da premissa de que a educomunicação, conceito que – no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP – designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que subjetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude (SOARES, 2011, p.15).

Para um melhor esclarecimento desses fundamentos conceituais, pode-se complementar o entendimento da conceituação da educomunicação a partir dos indicadores desse campo de intervenção e desenvolvimento pessoal e social.

Os indicadores são aqueles elementos que, ao se fazerem presentes, atestam que, de fato, aquela atividade, ação ou projeto pode ser caracterizado como de cunho educacional, contribuindo, assim, para um maior cuidado na sua elaboração, desenvolvimento e avaliação.

Entre esses indicadores, destacamos: planejamento, ecossistema comunicativo, diálogo, participação, democracia, cidadania, pedagogia de projetos, gestão de processos, construção de conhecimento e transformação pessoal ou social, avaliação permanente.

A educomunicação é uma ação intencional, organizada de forma planejada e em constante processo de avaliação, sendo que esses elementos aparecem como indicadores na conceituação

ressemantizada estabelecida pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP, em 1999, quando designa educomunicação como sendo:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos com intencionalidade educativa, destinada a fortalecer ecossistemas comunicativos abertos e criativos, sob a perspectiva da gestão compartilhada e democrática dos recursos da informação (SOARES, 2009, p. 161-162).

O processo educutivo tem no planejamento uma atividade importante para a concretização das suas práxis. A ação de planejar precisa atender a uma lógica participativa e democrática. Ismar Soares esclarece que:

O planejamento é ascendente ou participativo quando leva à elaboração de planos, programas e projetos que, atendendo a necessidade e aos objetivos de comunidades, são desenhados com a observação de normas que facultam a intervenção dos próprios usuários ou beneficiários do produto final (SOARES, In: COSTA, 2009, p.47).

Essa ideia é reforçada pelo professor Ismar de Oliveira Soares, em seu artigo *Planejamento de projetos de gestão comunicativa*: “O planejamento participativo exige a adoção de uma metodologia sobre a qual todos os elementos envolvidos nos processos necessitam manter permanente vigilância: a democratização dos modos e formas de conduzir as diversas fases do processo” (SOARES, In: COSTA, 2009, p. 47).

Um importante indicador é a existência do ecossistema comunicativo, que pode existir ou ser construído a partir da perspectiva de uma proposta educutiva a ser concebida. O entendimento sobre o ecossistema comunicativo está, segundo afirma Soares,

Em torno do conceito que define o equilíbrio entre os elementos que constituem um determinado espaço físico e de convivência em permanente mutação, fato que nos permite entender a natureza relacional e dialética do convívio humano em determinado espaço. Assim, entendemos que, como meio físico, existem tanto sistemas áridos e fechados quanto sistemas abertos e ricos de vitalidade. Nesse sentido, as “pessoas em relação” numa escola, num centro de cultura, ou mesmo no espaço cibernético, se deparam com modelos de ecossistemas. Passam a conviver sob regras que se estabelecem, conformando uma dada cultura comunicativa. Todas as maneiras de relacionamento com regras determinadas e rigorosamente seguidas constituem, em consequência, um tipo definido de ecossistema comunicativo (SOARES, 2009, p. 21).

O diálogo é outro indicador que não pode deixar de estar presente em toda e qualquer ação educutiva, que busca romper com a concepção que apresenta a comunicação em uma relação

unilateral na qual se aproxima mais de um monólogo. Assim, mais um conceito coloca-se a serviço da educomunicação no sentido expresso por Freire (1986, p.122-123) ao dizer:

Penso que deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. (...) o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico, do caminho para nos tornarmos seres humanos. Está claro este pensamento? Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os homens se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem (FREIRE, 1986, p. 122 -123).

Outro indicador característico das práxis educomunicativas é a participação, sendo essa um elemento imprescindível para que, de fato, possamos vivenciar a educomunicação de forma, que os envolvidos no ecossistema comunicativo sejam atores sociais em todas as fases do processo. Esclarece Heloísa Luck que:

A participação, em seu sentido pleno, caracteriza-se por uma forma de atuação consciente, pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade social, de sua cultura e de seus resultados, poder esse resultante de sua competência e vontade de compreender, decidir e agir em torno da questão que lhe são afetadas (LUCK, 2007, p. 18-19).

Quando a vertente de trabalho é a educomunicação deve ser levado em consideração o processo democrático, que coloca os envolvidos em igual condição de participação, tendo como objetivo o bem comum, em especial no direito ao acesso à comunicação e sua gestão.

Democracia autêntica é aquela que os indivíduos, no respeito à dignidade de cada um e de todos, não são objetos dos que detêm o poder, mas co-participantes e co-responsáveis desse poder para um melhor desenvolvimento político e social da comunidade onde estão inseridos (JORGE, 1981, p. 12).

A cidadania é adotada pela educomunicação, como indicador, na concepção de que ser cidadão é ter, em suas mãos, a possibilidade de decidir sobre muitos dos seus destinos. Para Pedro Demo:

A cidadania é um processo histórico de conquista popular, através do qual a sociedade adquire progressivamente condições de torna-se sujeito histórico, consciente e organizado, com capacidade de conhecer e efetivar projetos próprios (DEMO, 1992, p. 17).

A pedagogia de projetos, no âmbito do desenvolvimento da educomunicação, justifica-se pelas possibilidades inovadoras que podem ser alcançadas nas práticas a partir de sua implementação, segundo Soares (2009, p.7), “permitindo que o novo (a experimentação das novas linguagens, acompanhada pelo rompimento das relações hierárquicas da distribuição do saber) convivesse com o antigo (a prática vigente de uma comunicação verticalizada tradicional) ”.

A pedagogia de projetos aparece em muitas das atividades educacionais dos movimentos sociais: quilombolas, indígenas, assentamentos rurais, escolas rurais e urbanas. Sendo que,

O projeto é uma estratégia de trabalho em equipe que favorece a articulação entre os diferentes conteúdos de uma área com outras áreas do conhecimento. Conceitos, procedimentos e valores apreendidos durante o desenvolvimento dos estudos das diferentes áreas podem ser aplicados e conectados, ao mesmo tempo em que novos conceitos, procedimentos e valores se desenvolvem (BRASIL, 2001, p.126).

A gestão comunicativa é um dos elementos que configuram a educomunicação, é um dos seus indicadores, e é entendida como sendo, segundo Soares:

O domínio das ações que venham mobilizar comunicadores/educadores e comunicadores/educandos para o desenvolvimento de uma produção processual, aberta e rica da comunicação do interior dos próprios processos educativos e nas relações desses com o sistema de meios de comunicação e com a própria sociedade (SOARES, 2009, p. 42).

O trabalho educacional deve favorecer as mais diversas relações do homem com a realidade do mundo que o rodeia, de forma que seja possível a construção de conhecimentos a partir da assimilação desencadeada no contato com teorias e experiências práticas. Freire (1981, p.49), diz que:

A análise dessas relações começa a aclarar o movimento dialético que há entre os produtos que os seres humanos criam ao transformarem o mundo e o condicionamento que esses produtos exercem sobre eles. Começa a aclarar, igualmente, o papel da prática na constituição do conhecimento e, conseqüentemente, o rol da reflexão crítica sobre a prática. A unidade entre prática e teoria, ação e reflexão, subjetividade e objetividade, vai sendo compreendida, em termos corretos, na análise daquelas relações antes mencionadas (FREIRE, 1981, p. 49).

A relação entre a comunicação e a construção de conhecimento é, também, ressaltada por Mário Kaplún (2014, p. 72), ao dizer que:

Aprender e comunicar são componentes de um mesmo processo cognitivo, componentes simultâneos que se penetram e se necessitam reciprocamente. Se nossa ação educativa aspira a que os estudantes tenham uma real apropriação do conhecimento, teremos maior certeza de consegui-lo se soubermos oferecer-lhes e abrir-lhes instâncias de comunicação. Educar-se é envolver-se e participar de uma rede de múltiplas interações comunicativas (KAPLÚN, 2014, p. 72).

No universo educacional deve-se possibilitar a formação de pessoas para que estas contribuam na transformação pessoal e social, sendo esse um dos indicadores que deve estar sempre presente, pois, segundo Soares,

Trata-se de produzir mudanças que respondam aos desafios apresentados pela sociedade atual, mobilizada por graves questões relacionadas à vida, à ética, ao planeta, ao trabalho, à convivência entre diferentes, à dignidade humana, entre outros temas. Mudanças que levem em conta um contexto mundial globalizado e de velocidade acelerada, com enorme impacto sobre as estratégias de aprendizagem e de construção de conhecimento (LEVY, 1993 apud SOARES, 2011, p. 53).

Na avaliação a educação encontra um indicador que aparece com a característica de processo contínuo, devendo, portanto, estar presente em todos os momentos do desenvolvimento das práticas educacionais. Dentro desse entendimento:

A avaliação consistirá em estabelecer uma comparação do que foi alcançado com o que se pretende atingir. Estaremos avaliando quando estivermos examinando o que queremos, o que estamos construindo e o que conseguimos, analisando a sua validade e eficiência (SANT'ANNA, 1995, p. 23).

Portanto, enxergamos nos indicadores um caminho para o conhecimento de como nas práticas a educação efetiva-se, como elementos que facilitam um olhar mensurável de análise e avaliação sobre como se constitui o processo sem perder a sua essência teórica, que justifica as pertinências social e científica da sua existência e aplicabilidade.

3. O PROJETO ACERVO DOM JOSÉ RODRIGUES E UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE

O projeto de extensão desenvolvido na UNEB, campus de Juazeiro da Bahia, envolvendo o Acervo e a UATI, surge com a perspectiva de realizar um trabalho com um perfil educomunicativo, recriando nesse ecossistema comunicativo a articulação das práticas e experiências dos processos comunicacionais desenvolvidos na América Latina em torno de um referencial teórico se deu a partir de uma pesquisa da USP:

Entre 1997 e 1999, o Núcleo de Comunicação e Educação da USP realizou uma pesquisa, com o fomento da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, junto a 176 especialistas de 12 países da América Latina, identificando a vigência de uma prática mais abrangente no seio da sociedade civil, que tomava a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social (SOARES, 2011, p.11).

A proposta foi realizada nessa interface entre a educação e comunicação, local no qual se configura a educomunicação, com os devidos respaldos teóricos, que dão sustentação a tudo que se propõe nesse novo campo de intervenção social, envolvendo como atores sociais alunos do curso de Pedagogia e as alunas da UATI.

A conceituação da comunicação foi adotada no contexto da educomunicação, que tem em Paulo Freire um dos seus pensadores. Para ele, segundo Aparici (2014, p.34), “no processo de comunicação, não há uma divisão entre emissores e receptores. Todos são sujeitos ativos no ato comunicativo”. Como complementa o próprio Freire (1971, p. 67): “Comunicar é comunicar-se em torno de um significado significante. Dessa forma, na comunicação, não há sujeitos passivos”.

O entendimento de educação incorporado pela educomunicação está expresso nas ideias de Paulo Freire (1971, p.12), que “assinala que a educação compreendida em sua perspectiva verdadeira, que não é outra senão a de humanizar o homem na ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo”.

A partir dos pilares teóricos estabelecidos, o início de todo o processo foi elaboração um plano de ação que envolvesse o objeto comunicacional com o qual desejávamos trabalhar, no caso o acervo bibliográfico Dom José Rodrigues, e os ecossistemas envolvidos, sendo um formado por as alunas do curso de Pedagogia e um outro pelas alunas da Universidade Aberta à Terceira Idade, que se tornaram mais a frente um único ecossistema. Para isso, pensamos como objetivo inicial propor

desenvolver ações que estimulem a construção de conhecimento a partir do estudo de temáticas que abordam os conhecimentos gerais de interesse do público de pedagogia e da UATI, de forma a promover uma ação afirmativa. A partir desse objetivo, buscaríamos selecionar o material do acervo Dom José Rodrigues para servir de base para os estudos; prepararíamos os materiais para os encontros com a turma de aluno de pedagogia e da UATI; organizaríamos as rodas de conversas em formatos virtuais e presenciais para debate de temáticas; além da possibilidade de elaboração de produtos midiáticos.

Com o planejamento inicial de como abordar as alunas envolvidas, convidamos a todas para a realizamos a primeira roda de conversa na qual esclarecemos os princípios da educomunicação e em seguida lançamos o questionamento sobre o desejo de participarem de um projeto educucomunicativo. Depois de recebermos uma resposta positiva, na qual todas se mostraram interessadas em experimentar um processo educucomunicativo, desenvolvemos a técnica da tempestade de ideias, através da qual foram levantadas as temáticas que eram de interesse do grupo. Nessa mesma roda foram apresentadas como fruto das discussões as sugestões de que cada um membro do ecossistema comunicativo produzisse textos, vídeos, podcast, power points, cartazes digitais, além da possibilidade de contribuir com matérias resgatados nas redes sociais e no acervo Dom José Rodrigues com o intuito de enriquecer os debates com os temas sugeridos.

A segunda etapa foi a sistematização das ideias em forma de um projeto que foi intitulado pelo grupo de: Como era antes, e agora? Sendo a partir desse projeto com os objetivos elaborados a partir das temáticas e ideias de atividades propostas, pelo grupo, para serem desenvolvidas, começamos a realização dos encontros no formato de rodas de conversas.

As rodas de conversas eram organizadas a partir da definição da escolha do tema da semana seguinte, entre os previamente escolhidos. Assim, cada membro do ecossistema comunicativo com o tema em mãos preparava algum material, de sua escolha, para partilhar e expor a sua contribuição para o debate da roda de conversa, podendo ser um vídeo, um texto, um podcast, uma poesia, uma imagem, ou qualquer outra coisa que desejasse, podendo ser, inclusive, apenas uma fala ou depoimento expressando a sua opinião, conhecimento ou experiência sobre o tema trabalhado naquela semana.

Para organizarmos a roda de conversa foi acordado que cada participante deveria depositar a sua contribuição em um grupo de WhatsApp com pelo menos um dia de antecedência para a realização da roda de conversa. Esses materiais eram então organizados em uma pasta para serem exposto na plataforma digital na qual seria o encontro, sendo a ordem de socialização definida na própria roda de conversa, quando cada participante apresentava o material e tecia as suas considerações, seguindo uma sequência aleatória de apresentação, que acabava por criar um roteiro que se tornava mais rico a cada socialização. Em uma das colaborações foi sugerido que contássemos com a participação de um especialista no assunto da roda de conversa, o que fez com que acabássemos produzindo um encontro mais formal, abrindo uma nova perspectiva de expansão do ecossistema comunicativo com a participação nas rodas de outras pessoas de forma pontual, mas com o intuito de colaborar com os temas postos em debate. O final de cada encontro deixava a sensação de que tínhamos participado de algo especial e enriquecedor para as nossas vidas e para a compreensão do mundo que nos rodeia.

No percurso sentimos a necessidade de que os materiais e as conversas pudessem ser disponibilizados em algum espaço, inclusive, sendo compartilhadas com mais pessoas. Foi quando surgiu a ideia pleitearmos a utilização da rádio poste do Campos III da UNEB e, também, de criarmos uma página em uma plataforma digital.

O interesse em continuar o projeto, por parte dos envolvidos, tem sido o indicador avaliativo de que ele tem trazido contribuições sociais e científicas para os alunos do curso de Pedagogia e para as alunas da UATI, que sempre relatam grandes aprendizados na interação de gerações e saberes proporcionados por essa ação educacional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o projeto Acervo Dom José Rodrigues e a UATI: Reviver, de fato apresenta-se como uma ação de viés educacional, pelo fato de ficar evidenciado na sua forma de desenvolvimento a presença de vários dos indicadores que utilizamos para justificar a educação como princípio de efetivação de um processo que envolve a interface educação e comunicação.

A construção de conhecimento pessoal e social como um dos principais objetivos a serem alcançados pelo projeto é percebido no enriquecimento das falas e depoimentos e nas avaliações de satisfação que fazemos a cada encontro e a cada final de jornada do projeto, inclusive, com o despertar para novas percepções e construção de novas atitudes no universo da vida cotidiana.

Para as alunas de Pedagogia o projeto tornou-se uma possibilidade de experimentar uma nova forma de trabalhar com o conhecimento, que difere de muitos já aprendidos ou apresentados dentro do próprio curso no qual estão desenvolvendo a sua formação. Isso abre para essas alunas, a possibilidade de abertura de novas opções de trabalhos no âmbito pedagógico e, também, de pesquisa dentro e fora do espaço universitário.

Portanto, em no desenvolvimento de um processo educacional, todos saem ganhando, tanto os envolvidos como a sociedade que passa a ter uma formação de pessoas mais críticas e pensantes, que podem contribuir com a formação de uma sociedade mais humana, diante das mudanças de conjuntura de passamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA. Universidade do Estado da Bahia. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Projeto de Reconhecimento do Curso de Pedagogia**. Departamento de Ciências Humanas em Juazeiro da Bahia. UNEB, 2020.

BAHIA. **Núcleo Universidade Aberta à Terceira Idade (NUATI)**. Bahia, 2023. disponível em: <<https://proex.uneb.br/nucleos-de-extensao/>>. Acesso; 12.abril.2023.

BRASIL. **PCN + Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC,2001.

DEMO, Pedro. **Cidadania menor**: algumas indicações quantitativas de nossa pobreza política. Petrópolis: Vozes, 1992.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FEIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**. O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 1986.

- JORGE, J. Simões. **Educação crítica e seu método**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.
- KAPLÚN, Mário. Uma pedagogia da Comunicação. In: APARICI, Roberto (org.). Educomunicação. **Para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 59-78.
- LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na área da informática. Apud SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- LUCK, Heloísa. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2007.
- SANT'ANNA, Ilza M. **Por que avaliar? Como avaliar?** Petrópolis: Vozes, 1995.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da gestão comunicativa como prática da Educomunicação. IN: BACCEGA, Maria Aparecida e COSTA, Maria Cristina. **Gestão da Comunicação: Epistemologia e Pesquisa Teórica**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 161-188.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Teorias da comunicação e Filosofias da Educação: fundamentos epistemológicos da educomunicação**. Texto para aula do concurso de titular, ECA-USP, 2009.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

Entrevista

O *Game Comenius* e a formação docente Entrevista com Dulce Márcia Cruz

Alessandro Mateus Vieira Leopoldo de Barros¹⁸

Ana Luisa Zaniboni Gomes¹⁹

Edilane Carvalho Teles²⁰

Eliana Nagamini²¹

Resumo: Nesta entrevista, realizada em 27 de janeiro de 2023, a professora e pesquisadora Dulce Márcia Cruz, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Líder do Grupo de Pesquisa EDUMÍDIA: Educação, Comunicação e Mídias no CNPq comenta sobre jogos eletrônicos na educação e as motivações que levaram à criação do *Game Comenius* (<https://gamecomenius.ufsc.br/#/>) cujo objetivo é colaborar na formação de licenciandos em Pedagogia. A pesquisadora é defensora da aprendizagem baseada em jogos e mostra a relevância dos games em estudos e práticas de mídia na educação por considerar que a lógica e a dimensão lúdica desses jogos potencializam os percursos de formação e de aprendizagens. Sugere, inclusive, a adoção de percursos didático-pedagógicos gamificados na formação e práticas de professores.

Palavras-chave: *Game Comenius*; formação docente; jogos eletrônicos; educação; ensino.

¹⁸ Graduando de Pedagogia no Núcleo de Educação e Comunicação, no Departamento de Ciências Humanas, Campus III da Universidade do Estado da Bahia (DCH III/UNEB). E-mail: Alessandro.mateusleopoldo@gmail.com

¹⁹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, jornalista profissional e diretora de projetos na OBORÉ. Integra o Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (ECA-USP/CNPq). Foi coordenadora do GP Comunicação e Educação da Intercom – gestão 2018-2019. E-mail: analuisagomes@obore.com

²⁰ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente no Departamento de Ciências Humanas e no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/DCH III/UNEB). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Polifonia. E-mail: ecteles@uneb.br

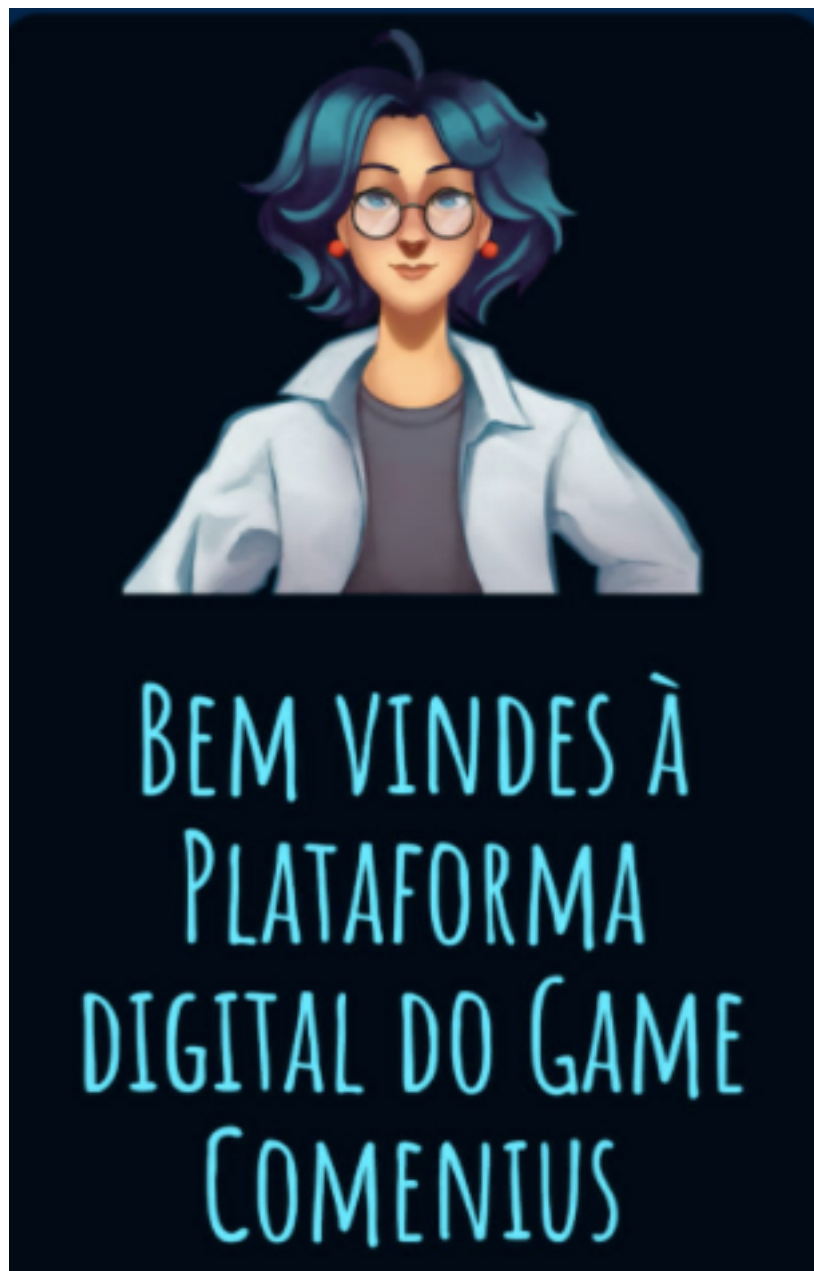
²¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente da [FATEC / CEETESP](#) e membro do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (ECA-USP/CNPq). Foi coordenadora do GP Comunicação e Educação da Intercom – gestão 2014-2017. E-mail: eliananagamini@fatecsp.br



SOBRE A ENTREVISTADA:

Dulce Márcia Cruz é Professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina no Departamento de Metodologia de Ensino (MEN), Universidade Aberta do Brasil e no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação (CED). Líder do Grupo de Pesquisa EDUMÍDIA: Educação, Comunicação e Mídias no CNPq. Pesquisa na interface entre a Comunicação, a Educação e as Mídias, com foco nos games, na formação docente para as mídias digitais no ensino presencial e a distância; nas linguagens e narrativas na cultura digital e nos processos, práticas de produção e análise dos gêneros digitais, especialmente os jogos digitais. Graduada em Comunicação Social (RTV) pela Fundação Armando Álvares Penteado, tem mestrado

em Sociologia Política pela UFSC e doutorado em Engenharia de Produção pela UFSC . Foi Bolsista Fulbright/Capes durante o doutorado-sanduíche no Departamento de Radio/Television/Film - Universidade doTexas, EUA. Foi Bolsista da Bieschöfliche Aktion Adveniat na Universidade de Navarra, Espanha e da JICA, na NHK TV, Japão. Foi professora do Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e do Curso de Comunicação Social da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Tem experiência profissional em TV como produtora, diretora, roteirista e editora de telejornais na TV Cultura de São Paulo e RBSTV.



ComSertões: Qual foi a motivação para a criação do *Game Comenius*? Como surgiu e qual o objetivo do jogo?

Dulce Márcia Cruz: O que acontece com o *Game Comenius*, é que sou da área da comunicação e venho da experiência com o rádio e TV, trabalhei durante muito tempo com a televisão. Quando voltei à universidade para fazer mestrado e doutorado, acabei trabalhando com educação a distância e com a formação de professores para o uso das mídias. Por conta disso, entrei através do concurso na universidade e fui trabalhar com educação a distância e também com os estudantes de Pedagogia. Diante disso, comecei a dar aula da disciplina que eu criei, optativa, chamada Educação e Mídias, trazendo com isso, toda uma discussão para aprender como fazer e aprender, como pensar as mídias. Pensar não como um recurso, mas sim como parte integrante do planejamento que você tem para integrar as mídias, porém, não para ela ser como se fosse um recurso que incorpora depois a qualquer coisa e pronto. Não, ela é importante porque pode ser muito útil para trabalhar seus conteúdos e suas estratégias. Eu tinha muita dificuldade de trabalhar isso com as alunas, o pessoal, realmente, “não joga, eu trabalho com mídias, mas não jogo”. Eu pesquisava jogos desde os anos 2000 e trabalhei com crianças fazendo jogos na escola. Então, eu já tinha pesquisas envolvendo os jogos há um bom tempo. Um dia eu pensei: por que eu não junto as duas coisas: a pesquisa com jogos que já venho fazendo há muito tempo e a formação dos professores? E por que eu não faço um jogo de formação de professores? Com isso, tento traduzir o que eu faço na disciplina de Educação e Mídias através do jogo. Foi o desafio, tentar pensar uma sala de aula, uma formação de professores de forma lúdica e que os estudantes pudessem conhecer uma mídia que a maioria não conhece e que não joga, pois, o perfil que a gente vê, da pedagogia em geral, não é o perfil de jogador. Isso não é forte, é sempre casual. Então, eu tentei no começo traduzir as minhas aulas de educação e mídias para o jogo. Foi assim que tudo começou. Como a gente trabalha a mídia e a tecnologia na educação dentro de um jogo? Por mim, o jogo seria totalmente diferente, eu tinha outras ideias, mas a gente vai fazendo conforme o jogo vai aparecendo. As equipes hoje, eu acho que já passei de 50 estudantes que trabalharam comigo. O jogo começou a ser feito depois de uma pesquisa de 2013, onde a gente levantou o perfil midiático das licenciaturas do país. Fizemos uma pesquisa bem grande e a gente percebeu que as pessoas não jogavam e não usavam jogos, incluindo os professores. Então a gente pensou em fazer um jogo para essas pessoas. Com isso, fizemos a seguinte pergunta: tem algum jogo igual? Não! Não tem nada parecido. Deste modo, o objetivo vai ser, fazer um jogo de mídia-educação, que envolva didática e planejamento. Isso para que as pessoas entendam como integrar as mídias pensando o planejamento da sala de aula simulando esse momento em que você imagina a aula que vai dar. A gente teve uma dificuldade em relação ao conteúdo, pois, não queríamos fazer nenhum jogo de matemática ou de biologia. Por esse motivo, o primeiro jogo, ele é mais aberto e a partir dele a gente começou a pensar. Passamos a ser transversal, pensando temáticas e ideias que possam ser trabalhadas por qualquer professor, e aí o jogo começou a ser feito em 2015 e de lá para cá, tem uma história bem grande.

ComSertões: Por que é relevante incluir os games na formação de professores? Além da dimensão lúdica, podemos apontar outros aspectos que contribuem na aprendizagem?

Dulce Márcia Cruz: A pesquisa com o *Game Comenius* é uma pesquisa de formação docente, seja inicial ou continuada, mas além disso é de formação para as mídias de modo geral. O conteúdo do nosso jogo é mídia-educação e o objetivo é fazer planejamento, pensar as situações de sala de aula e incluir as mídias dentro desse planejamento. Para isso, as pessoas terão que jogar, tendo todo um trabalho de desmistificação do jogo educativo, ou seja, desmistificar a ideia de que é muito chato, que não é interessante para os estudantes. Com isso, a gente não vai dizer que o nosso jogo é superdivertido porque não é. Ele é um jogo educativo, mas em alguns momentos é bastante engajador, pois segura as pessoas até conseguirem alcançar os resultados que estão buscando ali. E por que é importante trabalhar o jogo com estudantes? Primeiro: por aumentar o repertório midiático dos estudantes de licenciatura, já que muitos não jogam e não conhecem jogos. Muitas vezes, os que conhecem e que jogam casualmente não imaginam que aquele jogo que estão jogando no ponto de ônibus enquanto o/a namorado/a não chega, pode ser incorporado na sala de aula com um objetivo pedagógico. Então, é importante ter a experiência mais forte do jogo, valorizá-lo como um recurso que pode ser usado dentro da sala de aula e superar o pensamento de que jogo é para fora do espaço educativo, "na universidade não entra, aqui não pode". Exemplo: dependendo das proteções dos laboratórios de informática da instituição, "você não conseguem entrar porque a palavra game é proibida!"... olha quanta coisa acontece para impedir que o estudante de licenciatura de pedagogia incorpore essa mídia. Diante disso, por que é importante incorporar essa mídia, perder esse medo de acabar com o preconceito, de ampliar o repertório, de ter mais experiência, de poder pensar "eu posso fazer isso"? Porque dá para jogar, dá para planejar e dá para incluir [no planejamento] porque o jogo hoje é a mídia mais importante, a indústria do jogo bate a indústria da música e do cinema. As duas juntas não chegam [ao tamanho da] indústria dos jogos. A gente não pode mais falar que o jogo é coisa de criança, que é coisa de adolescente, porque não é mais. Os adolescentes cresceram. Então, os adultos jogam tanto quanto as crianças. Jogo também não é coisa de homem, pois as mulheres são metade dos jogadores. Diante de tudo isso, é impossível pensar na inclusão das mídias na educação sem incluir os jogos. Por isso que se justifica. Como o perfil da turma de pedagogia e de licenciatura, em modo geral, não é de jogadores, a gente tem que trazer o jogo para a sala de aula para potencializar a formação, incluir esses estudantes no mundo midiático dos games. Então, tem todo esse trabalho de letramento midiático que é fundamental fazer usando o jogo.

ComSertões: Ampliando a questão acima, como a senhora vê os games na educação?

Dulce Márcia Cruz: Eu não sou uma jogadora, eu não jogo e também não tenho tempo para jogar. O máximo que faço é jogar Comenius para identificar erros e, posteriormente, consertar o que ainda está sendo produzido. Vejo o game na educação como uma mídia muito promissora e bastante interessante. Como é uma indústria muito grande e muito rica, tem muitos jogos de entretenimento disponíveis para serem jogados. Com isso, se os professores comessem a pensar nos jogos como uma possibilidade de trabalhar conteúdo, conteúdos atitudinais que não são apenas conteúdos factuais. Muita gente pensa assim: "vou trabalhar matemática porque eu posso ensinar coisas de matemática porque o jogo é de matemática". Não podemos pensar assim porque eu posso trabalhar também jogos que não sejam especificamente de uma área de conhecimento, mas posso trabalhar conteúdos atitudinais desses jogos online. Por exemplo, o jogo *Lol* que você trabalha em grupo, em

equipe, onde cada um divide tarefas de forma colaborativa, você tem que aprender a perder, você tem que aprender a ter persistência e, com isso, há uma série de atitudes que se pode aprender jogando. A outra maneira é produzir jogos. Então se você joga muito, gosta de jogar ou começa a descobrir que isso é legal, por que também não pode ser um criador, um produtor de jogos? Não apenas um telespectador, mas um produtor de vídeo? Ser um jogador, mas também ser um produtor de jogo? Os professores comecem a perceber que podem construir um jogo, por exemplo, um *Quiz* no *Kahoot*, fazer com os alunos. Quando os professores comecem a pensar que há vários joguinhos e aplicativos *plug-in*, poderão começar a trabalhar os conteúdos com jogos, ao invés de usar *PowerPoint*, pode usar *Kahoot* e fazer um *Quiz* com os estudantes e colegas. Exemplo: colocando eles para competir e colaborar, tendo uma equipe que vai jogar contra outra, vão trabalhar os conteúdos de uma forma lúdica, divertida e, ao mesmo tempo, diferente. O game por si só não vai solucionar o problema da educação, nem o livro, nem o vídeo e nem as redes sociais. O que soluciona a educação são uma série de questões e a mediação do professor - pois é o professor que vai fazer com que o jogo seja realmente fundamental, interessante, divertido e educativo. Então, quando os professores comecem a perceber que o jogo não é uma coisa de fora da universidade, que não é algo de fora da vida dele e que pode incorporá-lo ao trabalho, começarão a pensar nesse potencial. Há jogos que, por sua duração, posso utilizá-los em pedaços, pedir para jogar antes da aula ou depois, pedir para jogar em grupo e depois comentar. Diante disso, eu vejo um potencial muito forte, muito grande, mas ainda tem um longo caminho, tanto de preconceito quanto de criatividade, para a gente incorporar essa mídia na educação de uma forma mais eficiente.

ComSertões: Quais os tipos de jogos que poderíamos utilizar na educação: jogos educacionais e também comerciais? Há tipos mais adequados? O que definiria a sua inclusão?

Dulce Márcia Cruz: A priori, qualquer jogo pode ser utilizado, contanto que ele esteja compreensível para faixa etária e para a língua. Por exemplo, você não pode usar um jogo com o qual as pessoas não têm intimidade com determinada língua, porque vai ser difícil entender. Você até pode jogar um jogo sem falar aquela língua, mas o jogo é feito de um jeito que você não precisa entender e você acaba aprendendo um novo idioma por conta disso. Muita gente aprendeu inglês porque foi jogando o jogo no idioma inglês, sem saber. Então tem que adaptar para a faixa etária, tem que adaptar para o conteúdo que está querendo trabalhar, mas principalmente o jogo tem que ser pensado em termos de objetivo pedagógico. Não existe um jogo perfeito, existe uma mediação mais adequada que vai pensar em determinado jogo - como pode ser útil para mim e como é que eu posso fazer com que meus estudantes alcancem os objetivos de aprendizagem que eu quero a partir daquele jogo. O jogo educativo não é entretenimento, como os jogos comerciais, porque esses jogos comerciais contam com muito investimento. Há equipes com milhares de pessoas trabalhando para desenvolver um determinado jogo, por exemplo, o *Lol*. Com isso, percebemos que o game Comenius não dá para competir com o *Lol* pois eu tenho uma equipe de quatro pessoas para fazer um jogo tão perfeito, tão cheio de programação de imagens e movimentações, a gente percebe essa diferença. Os jogos educativos não são tão bons, tão perfeitos e tão bem feitos quanto os jogos comerciais, mas você pode trabalhar jogo comercial, jogo educativo, o jogo que você pode produzir por meio de estratégias didáticas. Por exemplo, você pode pegar os elementos dos jogos e incluir na sua estratégia didática, pode colocar pontuação, ranking, feedback, pode colocar colaboração e

competição ao mesmo tempo, pode colocar premiação, desafios, objetivos e metas. Então, você pode colocar tudo isso que vem da gamificação dos jogos e incluir no planejamento; pode até usar o jogo mas você cria um jogo com a sua aula, fazendo da sua aula um jogo. Deste modo, com essas quatro maneiras – primeiro, usar jogos educativos; segundo, usar jogos comerciais adaptado para o que você quer; terceiro, criar um jogo com os alunos - pode ser um jogo digital através de alguma ferramenta digital, um jogo de Tabuleiro para os alunos pensarem os jogos que eles conhecem e criar. Hoje em dia, fazer jogos de Tabuleiro faz a gente pensar nas regras, nos objetivos, nas metas e nos desafios, criar o jogo do jeito que quiser, com o conteúdo que quiser, faz com que a gente perceba que pode criar jogos com os estudantes das várias faixas etárias, criança pequena, para o ensino fundamental, ensino médio e superior. A gamificação é uma quarta maneira de incorporar os elementos dos jogos sem precisar fazer um jogo, sem precisar necessariamente usar um. Diante disso, essas seriam as maneiras dos jogos serem utilizados. Os aspectos que você tem que pensar na hora de incluir um jogo na sala de aula são vários. A primeira coisa que tem que acontecer é que o professor tem que jogar e fazer uma pesquisa de jogos e essa pesquisa tem que ser feita com seus estudantes e perguntar: quais os jogos que vocês jogam? Fazendo esse primeiro levantamento, já ajuda muito o professor a perceber que tipo de jogos os estudantes gostam. Uma outra motivação que pode facilitar para o professor é saber quais games eles gostariam de jogar em sala de aula - isso ocorrerá em momento de diálogo com os alunos. Uma outra motivação será descobrir que tipo de jogador são os alunos, se eles são jogadores socializadores ou são aventureiros. Então, quando o professor percebe quais jogos eles jogam, quais jogos eles gostariam de jogar e que tipo de turma você tem, já dá mais ou menos um perfil de que tipo de jogo pode ser legal para a turma. A partir dessas dicas, o professor vai para a internet, ou pode até fazer um trabalho com os estudantes, pedir para eles trazerem jogos que gostem de jogar e apresentar esses jogos para a turma. Então, isso pode ser uma maneira também do professor se inteirar desses jogos e a partir do que vem, ele pode escolher qual tipo de jogo trabalhar como objetivo pedagógico dele. Vai depender muito do tempo que ele tem, se vai trabalhar com uma aula só, se vai trabalhar antes, durante e depois, se vai trabalhar sozinho, se vai incorporar outros professores, se tem um laboratório para levar os estudantes, considerar o tempo de ligar, o tempo de jogar, o tempo de desligar e o tempo de voltar. Então, o professor tem que fazer o planejamento considerando todas essas situações que envolvem o jogo. Essas etapas fazem parte do aprender a usar o jogo dentro da sala de aula. Com isso, ele vai usar, por exemplo, para trabalhar conteúdos novos, vai usar para reforçar um determinado conteúdo passado anteriormente, jogar uma coisa várias vezes. O professor vai fazer um jogo para avaliar? Cria um *Quiz* no *Kahoot* que vale pontos para saber se aprenderam. Diante disso tudo, vai depender do professor como que ele vai querer inserir o jogo, se é para apresentar, se é para reforçar, ou se é para avaliar. Uma vez a gente fez uma experiência com crianças e o professor era um bolsista meu, ele trabalhava com roteirização, era professor de português e estava trabalhando com roteiros audiovisuais com as crianças contando história. Ele utilizou essa sequência: trabalhou os jogos que queriam, que jogavam, e a partir dos jogos que jogavam tinham que pensar em descrever os personagens do jogo, descrever a narrativa trazendo qual era a história – enfim, uma série de detalhes que fazem parte do roteiro, e depois eles teriam que recriar as histórias a partir da ideia deles. Os alunos treinaram, pensaram a narrativa e seus elementos, escreveram no papel, desenharam e apresentaram para turma. Foi um exercício de língua portuguesa muito forte de criação de narrativa, mas que trabalhou o jogo como tema e como base. Eles trabalharam o sistema,

os avatares, como eles eram e como o jogo poderia ser. Então, esse é um exemplo de um professor que adapta a realidade que ele tem para seus objetivos pedagógicos e inclui o jogo no que ele tem para fazer.

ComSertões: Como desenvolver um percurso e repertório formativo didático gamificado com os professores?

Dulce Márcia Cruz: O conselho é jogar. É muito difícil falar isso para professores, mas o conselho é jogar. E tem que jogar! Não tem muito jeito, o professor que quiser usar jogos vai ter que começar a jogar. A gente desenvolveu um formulário, que temos usado nas pesquisas, que é um passo a passo para você começar a pensar o jogo. Tem algumas questões como: pensar uma situação de jogo, pesquisar um conteúdo, alguma coisa que queira fazer, vá à internet, procure os jogos, entre neles, jogue-os, analise-os pensando a narrativa, a tecnologia, pensando na sua mecânica e na estética dele e se adapta ao que você está querendo. Depois de ‘achado’ o jogo que estava à procura, vai pensar como será usando. Através disso vai fazendo um passo a passo e trabalhando, você faz um planejamento. O professor que quer começar a usar jogo, ele tem que começar a usar; o mais legal e que a gente aconselha é ir ao site que já tem esses jogos educativos gratuitos, e há milhares deles. A gente fez uma pesquisa sobre isso e tem alguns sites, os jogos são educativos, são muito simples e geralmente de conteúdos de matemática, física, química, biologia e de língua portuguesa, mas o professor pode começar a dar uma olhada e iniciar a jogar esses jogos. Jogando, o professor começa a pensar em como incluir na sala de aula. Com isso, começa a olhar nessa perspectiva, olhar de pesquisador, e saberá como poderá colocar o jogo na sala de aula, o que ele tem de interessante, qual é a mecânica, qual é o desafio, qual é a narrativa, como é que se desenvolve, o que traz de discussão para ser trabalhada com a turma. Então tem que começar a usar o jogo, tem que começar a jogar! A gente trabalha muito com aquela ideia da mídia-educação (com, sobre e através). Estudar o jogo como a mídia na sociedade em que a gente vive é fundamental. Isso também é uma forma de trabalhar com o jogo, como um produto, como um dispositivo cultural fundamental para a sociedade e que tem uma série de consequências boas e ruins. Trazer essa discussão para as crianças, trazer essa discussão para os jovens de como os jogos entram na vida deles, como podem controlar isso melhor e como é a relação da família com isso. Outra questão da mídia-educação é a produção de jogos, é aquilo que eu falei, tomar posse. Porque ninguém é alfabetizado quando só sabe ler, você é alfabetizado quando sabe ler e escrever. Para escrever um jogo, como se escreve uma carta, como se escreve um vídeo, é preciso estudar quais são as ferramentas que existem. Começa a fazer um Tabuleiro, depois pode ir para um jogo que tem vários aplicativos e programas que permitem produzir - olha o potencial que o professor tem quando ele começa a se meter nessa história! Então começa a pensar e a incluir o jogo como uma mídia que faz parte do planejamento. Se eu vou usar um jogo desse jeito, com essas características, a minha aula vai precisar ser pensada com essas características. Eu vou fazer uma aula, coloco o jogo na aula e tem que estar organizada com o jogo. Com isso, o professor começa a mexer na sua própria maneira de dar aula. Essa forma é um potencial muito forte e a gente tem trabalhado assim com os estudantes, tentando trazer essas ideias.

ComSertões: Uma das dificuldades e/ou problemas que ouvimos constantemente é que os jogos eletrônicos viciam. É possível afirmar isso? Por que os jogos "viciam"? Eles são tão fascinantes a ponto de fazerem esquecer o mundo real?

Dulce Márcia Cruz: A pergunta que você está me fazendo foi a pergunta que eu me fiz lá no ano 2000. Meus filhos jogando videogame, jogavam o Zelda, foi na época do *master system*, eles eram pequenos e passaram o mês de julho de férias inteiro jogando: acordavam, iam para o *master system* e jogavam o dia inteiro. Era um casal de filhos e meu marido ficava jogando junto com eles porque ele também estava de férias e os três ficavam revezando e jogando. Passavam horas e horas jogando e eu dizia – “meu Deus, de onde vem esse fascínio? Por que eles são tão fascinados? o que tem nisso que é tão viciante?” Então, foi por isso que comecei a pesquisar jogos de modo geral. Há algumas questões que podem ser pensadas, por exemplo, eu quando era criança lia muito, sempre fui leitora, eu pegava um livro e não parava, ficava até de madrugada e varava. Eu lembro da minha avó dizendo, “-minha filha você vai ficar cega com isso, para de ler, vai fazer alguma outra coisa na vida além de ler!”. Então, as mídias que fazem parte da nossa personalidade, que respondem ao nosso modo de ser, elas costumam ser viciantes. Quando você pega um bom livro, você esquece da hora e vai embora e fica horas ali, esquece do mundo. Como um filme, quantas pessoas não maratona séries hoje e ficam ali dias e dias seguidos, horas e horas, esquecem da vida e não querem fazer mais nada a não ser terminar aquela série que começaram a ver. O que acontece é que a arte e as histórias são muito legais e a gente precisa disso. Os bons jogos trazem muita coisa, eles trazem emoção, trazem alegria, trazem tristeza, são desafiantes, trazem arte bonita, tem música e ao mesmo tempo que o jogo tem, o cinema e até o livro não têm, por exemplo, como mídia, o jogo precisa do jogador. Se o jogador não joga, não tem jogo. Não adianta ficar assistindo, que não vai acontecer nada, eu só vou assistir um vídeo, mas o jogo mesmo só acontece quando eu entro nele. Então, esse engajamento é parte da interação, a grande magia do jogo é a interação, pois só acontece quando eu jogo, se eu jogar e gostar eu vou até onde aguentar, porque ele está tão bom que não vou largar isso. Agora, ele vicia? Vicia! As pesquisas mostram que os jogos viciam quem tem tendência ao vício. Você pode ver que tem momentos em que os jogos são mais viciantes. Muita gente conta essa história, “quando eu era adolescente, eu jogava demais e passava a noite, depois eu parei e não jogo mais” ... é muito comum essa história. Quando você entra na idade adulta, tem outras coisas para fazer e não dá mais para você passar as noites jogando como quando você era adolescente, porque tem mais coisas para fazer, tem família, tem filho, tem trabalho, não é mais a mesma coisa. O jogo é fascinante principalmente porque é uma obra de arte que envolve a emoção, envolve a gente como cultura, envolve ação, te coloca lá dentro do jogo, faz parte do cenário e é personagem. E não é assim no cinema. Então, é muito difícil essa imersão tão forte não trazer esse grande engajamento. Agora, se vai viciar, vai depender muito de você. E uma coisa importante, eu estava falando de abordar os estudantes sobre o jogo, conversando sobre os limites, do porquê que hoje a família não tem limite com relação ao tempo de uso de tecnologia. Famílias deixam os filhos ficarem até de madrugada e isso é complicado porque é muito difícil lidar com a situação. Eu tive enteados que passavam a noite jogando e eu ia lá e desligava o modem e desligava tudo e falava “não pode jogar e chega, tu tens que levantar cedo para ir a aula”. Então as famílias já perderam esse controle. Essa semana mesmo eu vi um menino pequeno, devia ter dois anos e pouco, ele estava tomando café da manhã no hotel, eram 8 horas da manhã, tinha um cara, um filho e o filho

mais novo e cada um tinha um celular e no celular do mais novo estava passando desenho, não estava nem jogando, estava assistindo um desenho com a ‘babá eletrônica’. A televisão existe na mão dele e só para ele. Ele comia olhando a tela, não conversava, cada um ficou no seu celular. Isso também é uma questão complicada. Não é porque a televisão é viciante dentro do celular, e sim porque a relação familiar mudou muito e as pessoas não se tocam disso. Não é culpa do videogame a mudança na relação familiar, o videogame faz parte dessa mudança, ele interfere, ele não é inocente, ele também tem a sua culpa porque é justamente isso, ele tem os elementos, mas cabe às famílias, ao governo, e até aos professores tentarem dizer: “espera aí gente, vamos devagar, não é assim”. Então, para resumir a história toda: sim realmente os jogos têm muitos elementos que viciam, como muitas outras formas de arte que trazem as nossas emoções e que, de certa forma, ‘manipulam nossas emoções’, mas a gente tem que saber lidar com isso. Agora, para incluir o jogo na sala de aula, o professor tem que estar consciente de que existe essa situação e que faz parte e é responsabilidade da escola trazer essa discussão e tentar ajudar a barrar uma ‘epidemia de consumo midiático e de telas’ que existe hoje. A escola não sabe e não lida com isso, também é uma responsabilidade dela. Com certeza, games é uma mídia muito importante e muito legal, mas como qualquer coisa, exagero não é legal. E está cada vez pior, cada vez mais dominamos menos as mídias, as tecnologias, por exemplo, a inteligência artificial hoje, está aí a grande discussão sobre o *CHAT GPT*, que constrói textos como se fosse uma pessoa. Como vamos lidar com isso? Temos que tomar cuidado. Então, é complicado mesmo o nosso mundo.

ComSertões: A gamificação e a aprendizagem baseada em jogos podem ser consideradas a mesma coisa?

Dulce Márcia Cruz: A gente tem trabalhado com a ideia de que a aprendizagem baseada em jogos envolve a gamificação. Aquilo que te falei: aprendizagem baseada em jogos envolve trabalhar jogos comerciais, jogos educativos, produzir jogos e gamificar. Então, o que é a aprendizagem baseada em jogos? É justamente propiciar uma situação de aprendizagem que tenha como foco, como instrumento, como recurso, tenha o nome que você quiser dar, mas que trabalhe com os jogos juntos não apenas o jogo como o dispositivo cultural, mas o jogo como uma linguagem. A gamificação, de certa maneira, é transformar a linguagem do jogo em uma atividade motivadora. Você pode gamificar não apenas uma aula, a aula já é uma segunda etapa. A primeira etapa da gamificação começou no comércio, no capitalismo, pensando em como motivar as pessoas a fazerem coisas, “aquela ideia, tem gente que fica horas, noites, dias jogando... o que motiva essas pessoas a ficarem jogando?” Então pegaram os elementos do jogo e usaram isso para ganhar dinheiro - foi aí que surgiu essa ideia da gamificação. A milhagem é um exemplo de gamificação das mais antigas, quanto mais você viaja mais ganha pontos, quanto mais pontos ganha, pode usar para viajar mais e ganhar mais pontos e assim vai subindo de nível e virando “gente importante”. Daqui a pouco já tem um cartão azul que vai virando dourado e depois ele já é prateado e ganha um super e é um ‘super super’. Isso é gamificar. Ganha estrela, recompensa, daí mandam mais coisas para você fazer, “ganha mais ponto aqui, faz mais isso”. Então, a gamificação na educação é bastante controversa porque ela usa essa ideia de motivar as pessoas externamente para fazer alguma coisa, para ‘ganhar alguma coisa’, para alcançar algum objetivo. E tem que tomar cuidado porque você tem que usar a gamificação mas também pensar que está motivando os seus estudantes a fazerem

alguma coisa que você quer que eles façam. Tem que tomar cuidado para isso não virar uma competição, uma briga. A gamificação na educação ainda está em discussão, mas faz parte da aprendizagem e é uma das maneiras de aprender com os jogos e não é a única. É uma das formas de fazer a aprendizagem baseada em jogos porque pode fazer a aprendizagem com jogos de várias maneiras. Nesse sentido, a gamificação é apenas uma delas e você pode jogar sem gamificar - essa é a diferença, porque o gamificar inclui colocar os elementos do jogo na estratégia, colocando desafio, pontuação, mecânica, metas, feedback e objetivos; você pode fazer uma aula sem gamificar, por exemplo, vão jogar algo de matemática antes da aula, durante ou depois e vão aprender, estudar e pronto, é só isso. Você pode usar o jogo Comenius para as pessoas estudarem planejamento, mas só usa isso, não vai dar ponto. E pode gamificar usando o game Comenius colocando metas: para quem fizer mais de uma missão, ganha tantos pontos, quem jogar as três modalidades vai ganhar um troféu de “super jogadora”. Então, pode gamificar. Eu tenho pensando nisso porque agora a gente terminou o Comenius e está na hora de começar a pensar sobre o que ele está trazendo de interessante, pensar no que está ensinando mesmo, se está alcançando seu objetivo de fazer mídia-educação, de ensinar as pessoas a pensar nas mídias dentro do planejamento. Será que ele está alcançando isso? As pessoas lembram depois que jogam? Influencia a ideia do repertório por ter jogado o Comenius em aula? Com isso, os alunos começam a pensar que o jogo pode ser uma alternativa para fazer parte do planejamento e além disso? Por enquanto, a gente não está gamificando com game Comenius porque a gente faz gamificação de outra maneira. Deste modo, na nossa maneira de ver a aprendizagem baseada em jogos, ela é um guarda-chuva que envolve o jogo como a mídia principal. Toda vez que você usa o jogo como a mídia principal para gerar aprendizagem está fazendo a aprendizagem baseada em jogos – independentemente da maneira que usar, que pode variar bastante de acordo com as circunstâncias.

Entrevista

Os desafios de crescer diante das tecnologias digitais

Entrevista com Alessandro Marimpietri

Amanda da Silva Almeida²²
Emilly Shaianne Miranda Santana²³
Ana Luisa Zaniboni Gomes²⁴
Edilane Carvalho Teles²⁵
Eliana Nagamini²⁶

Resumo: Em entrevista realizada no dia 20 de janeiro de 2023, o psicólogo Alessandro Marimpietri explica que o tempo de exposição às telas, o tipo de conteúdo acessado e a substituição da experiência analógica pela digital são aspectos reconhecidos pela literatura científica como potencialmente danosos ou prejudiciais ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. Segundo o entrevistado, crianças que vivem experiências analógicas conseguem lidar melhor com o mundo digital – daí ser fundamental que pais e mães possam garantir um tempo qualificado com seus filhos sem a presença de telas e que o mundo socioeducativo – em especial a escola - se dedique a educar sobre como utilizar as tecnologias digitais, aproveitando os benefícios e se afastando daquilo que é potencialmente arriscado.

Palavras-chave: tecnologias digitais; tempos de tela; crianças; adolescentes; mundo socioeducativo.

²² Graduanda de Pedagogia no Departamento de Ciências Humanas, Campus III da Universidade do Estado da Bahia (DCH III/UNEB). E-mail: as.almeida342@gmail.com

²³ Graduanda de Pedagogia no Departamento de Ciências Humanas, Campus III da Universidade do Estado da Bahia (DCH III/UNEB). E-mail: miihshay3@gmail.com

²⁴ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, jornalista profissional e diretora de projetos na OBORÉ. Integra o Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (ECA-USP/CNPq). Foi coordenadora do GP Comunicação e Educação da Intercom – gestão 2018-2019. E-mail: analuisagomes@obore.com

²⁵ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente no Departamento de Ciências Humanas e no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/DCH III/UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Polifonia - Observatório de Educação e Comunicação. E-mail: ecteles@uneb.br

²⁶ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente da FATEC / CEETESP e membro do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (ECA-USP/CNPq). Foi coordenadora do GP Comunicação e Educação da Intercom – gestão 2014-2017. E-mail: eliananagamini@fatecsp.br



SOBRE O ENTREVISTADO:

Alessandro Marimpietri é formado em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e tem especialização em Teoria Psicanalítica pela Universidade Salvador (UNIFACS), onde é docente. Dedicar-se à psicologia clínica de orientação psicanalítica e atua com assessoria no âmbito da Educação. Atualmente, é doutorando em Ciências da Educação na Universidad Nacional de Cuyo, Argentina. É membro da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP) e do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP).

***ComSertões* - Crescer diante de tanta tecnologia é benéfico?**

Alessandro Marimpietri - Olha, esse tema do crescimento e do desenvolvimento de crianças e adolescentes diante das tecnologias digitais “dá panos para as mangas”. Nós temos movimentos que tentam ‘catastrofizar’ ou suavizar os efeitos disso na vida e no desenvolvimento de crianças. Há um caminho que está no meio desses dois pólos e com o qual eu tenho uma afinidade maior, que tenta discutir quais são os benefícios e quais são os riscos. Os benefícios são sempre menos falados que os riscos. Os riscos são temas muito mais comuns da nossa pesquisa, do nosso olhar, da nossa intencionalidade investigativa. O que a gente poderia falar é que as tecnologias digitais chegaram para ficar. Elas têm, de certa maneira, o potencial de facilitar uma série de coisas da nossa vida. Imagine: nesse mesmo aparelho celular eu posso comprar uma passagem aérea, pagar uma conta no banco, saber a previsão do tempo, ligar uma lanterna; quer dizer, eu tenho uma série de recursos no mesmo aparelho, que fica como uma extensão do meu corpo, acessível a todo tempo. Com isso, eu consigo ter acesso a informações, eu posso democratizar informações numa velocidade inédita, eu tenho a possibilidade de saber, a partir de referências múltiplas, sobre um determinado tema. Então, há uma série de coisas que, se bem utilizadas, são benéficas. Agora, para um cérebro, para um sujeito, para uma criança e um adolescente em desenvolvimento, a gente precisa cuidar para que esses benefícios estejam circunscritos a uma possibilidade de não extravasar, vamos chamar assim, esses limites, a tal ponto que comecem a ser figurados como um malefício, como riscos. Então, o tempo de exposição às telas, o tipo de conteúdo acessado, a troca de experiências analógicas por experiências digitais são aspectos já conhecidos pela literatura científica como potencialmente danosos ou prejudiciais ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

***ComSertões* - Como a tecnologia afeta o desenvolvimento infantil?**

Alessandro Marimpietri - É importante dizer que crianças e adolescentes da atualidade já nascem contemporâneos ao *boom* da tecnologia digital. Isso, por exemplo, não aconteceu comigo. A minha infância foi quase toda analógica, com poucos recursos e nenhum deles digital. Tecnologias sim, como a televisão, por exemplo, mas com um nível de interatividade muito mais pobre e um nível de velocidade muito mais lento. Quando a gente tem crianças e adolescentes que nascem contemporâneos ao funcionamento e ao *boom* da tecnologia digital, a gente tende a cometer um equívoco que é chamar essa geração de nativos digitais. Isso é meio perigoso: de certa maneira é verdadeiro porque ele é nativo, nasceu no tempo em que o digital está estabelecido, mas por outro lado, pode ser uma armadilha o fato de acharmos que, por eles terem nascido contemporâneos ao digital, estariam prontos para enfrentar todos os riscos, dilemas e benefícios do digital. Acho que, embora eles tenham nascido contemporâneos ao digital, ainda precisam de adultos que regulem essa experiência do mundo digital. E também do analógico. Ou seja, crianças e adolescentes precisam de adultos que sejam presentes e possam dizer: “olha, até aqui sim, até aqui não, isso aqui é perigoso, isso não é”, para ir construindo junto com esses sujeitos em desenvolvimento parâmetros a partir dos quais eles possam ensaiar as suas experiências, possam construir o seu protagonismo e se prepararem para, no futuro, assumirem um papel adulto. Então, a proteção que a gente faz para a

criança e o adolescente tem compromisso com o presente. Mas também tem um compromisso com o futuro porque se essa experiência é vivida de uma maneira perigosa, pode comprometer também outros tempos da vida. Eu diria que esse é o primeiro perigo. O segundo perigo são esses aspectos sobre os quais já falei, que são bastantes conhecidos: o tempo de exposição, o filtro de conteúdo e o imediatismo da resposta. Aliás, é uma geração que convive pouco com a falta: entre aquilo que imaginam, a resposta é quase imediata, e o que vem não é apenas uma mas muitas respostas. Um dado que a gente precisa cuidar é essa velocidade de resposta, esse imediatismo, essa lógica instantânea, a quantidade de informações a que essas crianças estão submetidas sem os filtros psíquicos, cognitivos, afetivos e sociais suficientes para ficarem com o que é essencial e eliminarem aquilo que é sobra. Há uma tendência de saber pouco de muita coisa e não conseguir se aprofundar nas informações. A gente sabe que uma vivência analógica potente, colorida, intensa, significativa, tem um fator de proteção: a criança que vive experiências analógicas consegue lidar melhor com o digital. Quando o digital está substituindo o analógico, quando o digital é usado em tempo exagerado e quando não há um filtro de conteúdos, em geral essa criança ou adolescente fica exposta a riscos.

ComSertões – Podemos utilizar as telas como potencializadoras da educação da criança?

Alessandro Marimpietri - Essa é uma ótima pergunta. As telas podem ser um coadjuvante importante nos processos socioeducativos, a começar pelo mais óbvio, que é alcançar um número muito maior de pessoas em espaços de difícil acesso - esse é o primeiro e o mais importante benefício. O segundo é que a gente consegue alcançar um número muito grande de pessoas através do digital, o que no analógico é mais difícil. Em terceiro, há uma certa responsabilidade de fazeres socioeducativos, ou seja, uma educação para o uso do digital - ensinar as crianças a fazerem 'bom' uso do digital, a usar filtros de fontes e de conteúdo, aprenderem a distinguir uma *fake news* de um fato, saberem se proteger de situações em que possam estar vulneráveis do ponto de vista de violência moral, da sexualidade, ou seja, há que se fazer uma educação sobre como utilizar as tecnologias digitais. E um último aspecto que eu acho muito importante é a possibilidade de saber o que fazer com a informação. O desafio do mundo contemporâneo não é mais fazer propriamente a informação chegar. Há 30 ou 40 anos atrás, esse ainda era um desafio, mas hoje não. Hoje, o desafio é o que vamos fazer com essa informação que chega em um volume absurdo, abissal, de fontes que não conseguimos apurar e ainda com uma série de conteúdos atravessados, como conteúdos publicitários e de outros tipos. Então, saber como fazer isso me parece um objetivo do cenário socioeducativo, que deve entender a tecnologia digital como um fato inequívoco, estabelecido, que faz parte da vida e contra a qual a gente não deve lutar, mas aprender a lidar da melhor maneira possível. Precisamos retirar dessa experiência o que ela tem de mais potente em benefício e, com toda cautela e força, se afastar daquilo que é potencialmente arriscado.

ComSertões – Há um período determinado e uma forma certa de inserir a tecnologia na vida da criança?

Alessandro Marimpietri – Sim. O que os estudos mostram é que a primeira infância deve ficar preservada do acesso aos conteúdos digitais. Sabemos que o hipostímulo é danoso ao

desenvolvimento da criança, mas o hiperestímulo também é. Então, a gente sabe que o ideal é que crianças pequenas não tenham acesso a conteúdos por meio das tecnologias digitais. Depois, quando estiverem um pouco maiores, elas podem e terão acesso inevitável a isso - o Brasil ainda é um país muito desigual no sentido do acesso ao recurso digital. A gente pensa que isso está absolutamente planejado, mas não está. A gente precisa preservar essas crianças em relação ao tempo, e os adolescentes também. É claro que o tempo de uma criança de cinco anos em relação ao recurso digital não é o mesmo de um adolescente de quinze anos. Estamos falando de outro cérebro, de outro corpo, de outro afeto, de outro pensamento, de outro psiquismo, de outra posição na sociedade. Então, a gente tem que ir construindo esse cenário a partir das possibilidades de cada etapa do desenvolvimento para lidar com o recurso digital de uma forma saudável.

ComSertões - O que devemos fazer para que o uso das telas não afete o relacionamento familiar?

Alessandro Marimpietri - Essa é uma ótima pergunta também. A gente tem que entender que as telas atravessam sim a dinâmica familiar. Mas a televisão já fez isso, o rádio fez isso e o digital faz isso - faz diferente do rádio, da tv, mas continua fazendo. Então, não é incomum a gente ver, em famílias que tenham algum recursos financeiro, que de cada três pessoas, ao menos uma esteja com o seu *smartphone* no seu próprio mundo, sem interagir. Daí responsabilizar o aparato digital por uma certa falência da convivência familiar, eu acho um exagero. O que acho é que a gente tem que ter crítica, ter boas políticas públicas, tanto de democratização quanto de preservação do acesso, ou seja, democratizar o acesso e preservá-lo para que ele possa ser benéfico e menos arriscado para crianças e adolescentes. Porém, o que a gente mais vê é que as dinâmicas entre os familiares estão cada vez mais atravessadas pelo digital. Cabe aos adultos ter um olhar crítico a partir de cada realidade familiar, ver o que cabe e o que não cabe nessa família. Em geral, o que a gente sabe é que, do ponto de vista do desenvolvimento saudável, a convivência de crianças e adolescente com seus pais não precisa apenas ter só qualidade - que é uma condição *sine qua non* pois sem isso a gente não tem nada - mas ela precisa ter quantidade. Então, é fundamental que os pais possam garantir um tempo qualificado com seus filhos sem que esse tempo seja atravessado pela tecnologia digital. Isso, indiscutivelmente, faz bem a qualquer criança e qualquer adolescente.

ComSertões - Como encontrar um equilíbrio no uso das tecnologias?

Alessandro Marimpietri – É mais ou menos naquela linha daquilo que falei anteriormente: um bom recurso pra isso é a gente se dar conta de que a tecnologia digital não pode substituir a experiência analógica. Por exemplo, a gente vai a um restaurante e está mais interessado em fotografar o prato, postar e olhar comentário que prontamente comer o próprio prato. Quando o registro da imagem atravessa a experiência simbólica é um mal sinal. Diria que é um sinal vermelho, de perigo, pois a gente está trocando a experiência em si por uma representação de uma experiência que é essa representação digital da imagem. Ela não vai ter sabor, não vai ter cheiro, não vai ter interações, não vai ter as outras características que o analógico oferece. Para as crianças e adolescentes, especialmente, a qualificação de uma experiência analógica passa por proteção e garantia de direitos, acesso a escolas, creches de qualidade, uma condição digna para seus

familiares para que eles possam proteger todas essas outras condições – inclusive a prevenção do uso excessivo e danoso do digital. Porque a gente precisa qualificar a experiência analógica para que eles possam ter recursos subjetivos e sociais de enfrentamento dos riscos e de aumento das potencialidades que o recurso digital possa trazer. Essa é a defesa que faço muito veementemente: que a gente possa garantir uma experiência analógica e que, em nenhuma hipótese, o digital transponha e substitua o analógico.

***ComSertões* – Como identificar uma pessoa com dependência das telas?**

Alessandro Marimpietri - Tenho ouvido muito no consultório os pais se referirem a um uso viciado, um uso dependente de telas por parte de crianças e adolescentes. Infelizmente, há casos de crianças e adolescentes que fazem uma relação adoecida com o recurso tecnológico a ponto de precisarem de tratamento específico para isso. Há inclusive alguns ambulatórios no Brasil dedicados a tratar desse tipo de dependência. Mas são a minoria; a maioria dos casos são de uso excessivo, mas que não configura patologia. Os principais marcadores que podem nos acender um sinal de alerta são a substituição de experiências de vida pela experiência digital: o uso excessivo, certa dependência de só conseguir satisfação através do digital, a possibilidade de eliminar outros convites, outros acessos e oportunidades para ficarem no digital, o aumento da irritabilidade, alterações de humor, alterações no sono, alterações no comportamento alimentar - quando isso vem reunido nesse combo com essas características, eu acho que é sinal que merece toda nossa atenção, especialmente em se tratando de crianças e adolescentes.

***ComSertões* – É possível identificar diferenças entre uma criança que faz uso diário das tecnologias e outra com pouco acesso às telas?**

Alessandro Marimpietri - A gente precisa fazer um ressalva para entender essa pergunta. Por exemplo, se eu for comparar a minha infância à do meu filho, eu fui uma criança que não teve acesso às tecnologias digitais e meu filho tem. Mas essa comparação tem o tempo histórico: ser criança na década de 1970 do século passado é completamente diferente de ser criança nos anos de 2020 do século atual. Essa diferença é histórica. Agora, vamos pensar em duas crianças do mesmo tempo histórico, nascidas agora, onde uma faz uso excessivo de tecnologia e outra não. No meu entendimento, aquela que faz uso excessivo de tecnologia vai estar em maior risco de apresentar problemas no desenvolvimento - e os problemas podem ser apresentados na ordem das motricidades, na ordem cognitiva, na ordem psicoemocional, na ordem sociointeracional, inclusive na ordem da aprendizagem. Se forem crianças do mesmo contexto socioeconômico e sociocultural, de um mesmo tempo em que uma tem o acesso excessivo e outra não tem, seguramente a que não tem estará mais preservada. Aquela que faz uso excessivo das telas estará em maior vulnerabilidade.

A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: O Estado aberto à privatização do ensino²⁷

CAETANO, Maria Raquel; PERONI, Vera Maria Vidal. Relações entre o público e o privado na educação brasileira: neoliberalismo e neoconservadorismo – projetos em disputa. **Revista Trabalho Necessário** - DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v20i42.53469> , 2022.

Gerbson da Silva Santos²⁸

O artigo “*Relações entre o público e o privado na educação brasileira: neoliberalismo e neoconservadorismo*” foi escrito pelas autoras Maria Raquel Caetano e Vera Maria Vidal Peroni, respectivamente, em último título, doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e, doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).

O estudo das autoras tem como base uma ampla revisão bibliográfica²⁹ de referências nacionais e internacionais, além de autorrevisarem estudos anteriores (2007, 2011, 2015, 2018a, 2018b, 2019, 2020). Caetano (2020), em seu estudo anterior ao artigo aqui resenhado, vinha

²⁷ Título do texto do resenhista.

²⁸ Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Juazeiro/BA. E-mail: gerbsondasilva@gmail.com.

²⁹ BALL, S. Educação Global S.A. **Novas redes políticas e o imaginário neoliberal**. Ponta Grossa, UEPG, 2014.
BERNARDI, L. **Relações do Movimento Empresarial na Política Educacional Brasileira**: a discussão da Base Nacional Comum. Currículo Sem Fronteiras, v. 18- n.1, 2018.
BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (2017)**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em 30 de janeiro de 2022.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 2015.

CARVALHO, S. F. **A escola não cabe numa planilha**: implicações do Programa Jovem de Futuro para a gestão democrática da educação numa escola da rede estadual do Rio Grande do Sul. 2020. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre.

CIAVATA, M. Estudos Comparados: sua epistemologia e sua historicidade. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 7, suplemento, 2009.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

HARVEY, D. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008.

LACERDA, M. **O novo conservadorismo brasileiro**. Porto Alegre: ZOUK, 2019.

LAVAL, C; DARDOT, P. **La pesadilla que no acaba nunca**. Barcelona: Gedisa, 2017.

LIMA, P. V. de. **Escola sem sentido**: Implicações da Escola sem Partido para a democratização da educação pública. Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. LIMA, P. V. de. **O projeto educativo da nova direita brasileira**: sujeitos, pautas e propostas. UFRGS. 2020. 232f. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFRGS, Porto Alegre.

questionando o porquê da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na educação pública, tendo em vista o caráter conteudista voltado ao setor empresarial. Já Peroni (2020), vinha trabalhando as formas de privatização da educação pública. Assim, os seus estudos das autoras – anteriores ao aqui resenhado – tem voltado a atenção para a análise do papel do Estado na educação, função essa que está com fronteiras cada vez mais indistinta entre o público e o privado.

Desse modo, Caetano e Peroni (2022), afirmam que o “Estado continua a dar acesso à educação, mas, é o setor privado que define o conteúdo pedagógico e a gestão escolar”. Gentili (1995) vem chamando a mercantilização da educação de “*desordem neoconservadora e violência do mercado para a educação destinada às maiorias*”. O caráter neoliberal e neoconservador da qual Idem (1995) se refere é a educação pública, que por meio do comportamento passivo do Estado está de portas para as redefinições de políticas públicas educacionais, resultando em políticas socioeconômicas que visam o tecnicismo na práxis didática e na formação discente e docente. Isso resulta no desinteresse na formação de intelectuais, tornando o ensino técnico mais atrativo – não que essa modalidade de ensino não tenha o seu valor didático, mas como lembra Freire (1996) “a relação teoria-prática se torna um determinante na reflexão crítica sobre a prática”. Talvez seja esse um dos motivos no déficit na formação de cientista no Brasil, pois o mercado prioriza a mão de obra barata, rentável e técnica.

Assim, a educação entra no rol da “*lógica do consumo*” de Lindstorm (2014), mas, não no que refere “*as verdades e mentiras do que compramos*”, mas da educação que é nos dada como política mercantilizada do currículo: entre elas estão a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual Caetano e Peroni tecem suas críticas. Ainda, nos três tópicos do estudo, afirmam que existe uma disputa pelo controle do conteúdo pedagógico e pela gestão da educação, elas dispõem de dados em formato de organogramas, onde fica mais compreensível o que relatam acerca das inferências do setor privado na execução das políticas educacionais e reforma do Ensino Médio, no Movimento Todos pela Educação, no Movimento pela Base, bem como na ideologização da Escola sem Partido.

Em suas considerações finais, Caetano e Peroni (2022) afirmam que “o país vinha pautando a participação popular e a luta por direitos sociais, mas a crise que estava em curso no resto do mundo colocou o Brasil a serviço das estratégias do capital”. Desse modo, a crise de 2015 e 2016 culminou com o impeachment de Dilma Rousseff da Presidência da República, bem como com a minimização dos direitos e das políticas sociais, avançando para uma espécie de privatização do poder público e da redefinição do papel do Estado. Desse modo, o Estado ficou incumbido de dar acesso ao ensino e passivo nas decisões de gestão da educação, bem como na ‘conteudificação’ do ensino-aprendizagem.

Desse modo, a relevância acadêmica e social do estudo das autoras se dá na medida em que elas problematizam o papel do Estado como gestor – ou não – das políticas públicas na educação, importante, tendo em vista que tais políticas inferem na formação, não somente de discentes e docentes, mas na formação de toda uma sociedade. O acesso e a gestão da educação pelo Estado já favoreceram a abertura e qualificação de profissionais, cientista e outros à educação de qualidade. Todavia, como bem lembra Freire (2000, p. 31) “[...] se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”, é preciso que o Estado assuma a sua postura acerca das políticas públicas e sociais, tanto na educação, como na participação popular e na luta pelos direitos sociais.

REFERÊNCIAS:

ADRIÃO, T; PERONI, V. Consequências da atuação do Instituto Ayrton Senna para a gestão da educação pública: observações sobre dez casos em estudo. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, jan./jul. 2011.

BERNARDI, L; UCZAK, L; ROSSI, A. As relações do estado com empresários nas políticas educacionais: PDE/PAR e guia de tecnologias educacionais. In: PERONI, Vera (Org.). **Diálogos sobre as redefinições no papel do Estado e nas fronteiras entre o público e o privado na educação**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

CAETANO, Maria Raquel. Agora o Brasil tem uma Base! A BNCC e as influências do setor empresarial. **Educação em Revista**, Marília, v.21, n. 02, p. 65-82, 2020. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

———. Discutindo o público e o privado nas políticas educacionais brasileiras: a BNCC em foco. In: SANTOS, Arlete Ramos dos et all. (orgs.). **Educação e Movimentos Sociais**: análises e desafios. 1ed. Jundiaí: Pocco Editorial, 2019, v. 4, p. 233-258.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GENTILLI, Pablo. Adeus à educação pública: A desordem neoconservadora, a violência do mercado e o destino da educação das majorias. In: AZEVEDO, José C. e SILVA, Luiz H. (Orgs.). **Paixão de aprender II**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LINDSTROM, Martin. **A lógica do consumo**: verdades e mentiras sobre por que compramos. Tradução Marcello Lino. – Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2017.

PERONI, Vera Maria Vidal. Apresentação – Diálogos sobre distintas formas de privatização: caminhadas de pesquisa sobre o tema projetos em disputa. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e77598, 2020.

———. Implicações da relação público-privada para a democratização da educação. In: PERONI, Vera Maria Vidal; LIMA, Paula Valim de; KADER, Carolina Rosa (org.). **Redefinições das fronteiras entre o público e o privado**: implicações para a democratização da educação. São Leopoldo: Oikos, 2018b.

———. Múltiplas formas de materialização do privado na educação básica pública no Brasil: sujeitos e conteúdo da proposta. **Currículo sem Fronteiras**, [s.l.], v. 18, p. 1-27, 2018a.

———; ADRIÃO, Theresa. **Programa Dinheiro Direto na Escola**: uma proposta de redefinição do papel do Estado na educação? Brasília: INEP, 2007.



e-ISSN: 2357-8963

Ano XII - Vol. 13 - Nº 1 - Ago/dez 2023

—————; LIMA, Paula Valim de. Políticas conservadoras e gerencialismo. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-20, 2020.

—————; OLIVEIRA, Cristina Maria Bezerra de. O marco regulatório e as parcerias público-privadas no contexto educacional. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 31, jan./mar. 2019.